A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1991

A LIAHONA

AGOSTO DE 1991

Na capa:
Esses missionários em Tonga dedicam-se a uma obra iniciada nas ilhas há cem anos. Em comemoração deste centenário, compartilhamos a vida de alguns santos tonganeses e seu legado de fé. Vide p. 36. Foto da capa de William Floyd Holdman.

Capa da seção infantil:
Joshua Dennis, de dez anos, está de volta ao "skate" e outras atividades favoritas, depois de resgatado de uma mina abandonada, após cinco dias de solidão. Vide "Joshua Dennis: Um Tesouro de Fé", p. 14.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "FORTALECE TUAS ESTACAS" PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON ... 2

"ENCONTREI O VERDADEIRO SACERDÓCIO" ANN LAEMMLEN LEWIS ... 8

NAS RUAS DA ANTIGA JERUSALÉM MARVIN K. GARDNER ... 17

OS SANTOS DE TONGA: UM LEGADO DE FÉ ERIC B. SHUMWAY ... 36

NUNCA SE É VELHO DEMAIS STEPHEN K. CHRISTIANSEN ... 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

OS AMIGOS DE LIISA RICHARD M. ROMNEY ... 12

TRACE SUA ROTA POR ELA ELDER RICHARD P. LINDSAY ... 18

"SÓ CORTE MEUS CARELOS!" JERRY MCKEAN ... 32

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS ... 1

TENHO UMA PERGUNTA: O PROPÓSITO DA VIDA COMO MULHER SOLTEIRA MARY ELLEN EDMUNDS ... 22

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: CARIDADE: UM MINISTÉRIO DE ABNEGAÇÃO ... 25

MANUAL PARA A FAMÍLIA: COMO LIDAR COM O ESTRESSE E O DESÂNIMO ... 26

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ARINÁDI E O REI NOÉ ... 2

SÓ PARA DIVERTIR ... 7

TEMPO DE COMPARTILHAR: ORAÇÃO SINCERA LAUREL ROHLFING ... 8

A FAMÍLIA TERRENA KIMBERLEY A. LITTLE ... 10

FAZER AMIGOS: JOSHUA DENNIS: UM TESOURO DE FÉ SHANNON W. OSTLER ... 14

AGOSTO de 1991, Vol. 44, nº 8
91988 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Controlador: Diana W. Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.800,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 150,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda: -Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

TÃO FELIZ

Quando minha filha partiu para a missão em Idaho, senti-me muito triste e só. Orei ao Pai Celestial por consolo e encontrei a ajuda e a força de que necessitava, lendo a *Liahona* (espanhol). Agora, essa bela revista me acompanha aonde quer que eu vá. Estou tão feliz!

Edna Liquidano
La Ciénega Ward
Los Angeles, Califórnia, USA

INSPIRADA

A *Liahona* (espanhol) é realmente uma revista inspirada. Respeito-a como revista importante, que traz a verdadeira mensagem do evangelho ao nosso lar. Os discursos e artigos publicados na revista ensinam princípios que não só nos ajudam no viver diário, como também nos preparam para a eternidade.

Obrigada por fazer com que a *Liahona* chegue todos os meses ao nosso lar.

Carmem María Tolentinoi
Ramo Curaçao
Missão Venezuela Caracas

ILUSTRAÇÕES VALIOSAS

Sou muito grata por ler a *Liahona* (espanhol) todos os meses, por causa da valiosa matéria que ela contém para meu uso pessoal, da família e da Igreja.

Sou professora de Viver Espiritual em minha ala e freqüentemente uso exemplos, histórias ou citações escriturísticas da revista. Aprecio particularmente as belas ilustrações — fotos e desenho — que exercem grande impacto e são muito úteis no ensino.

Por esta razão, e por estar certa de que muitos outros membros os usam como eu, sugiro que incluam no índice anual um índice suplementar, por assunto, das ilustrações. Seria bom incluir as ilustrações grandes, de página inteira, ou às vezes duas páginas. Muitas vezes tenho passado horas folheando as revistas uma a uma, na tentativa de encontrar uma ilustração que vira antes. Um índice resolveria o problema.

Minha sincera gratidão a todos os que trabalham com a revista.

Celsa Sánchez de Riquelme
Ala Godoy Cruz Central
Mendoza, Argentina

Editor: Grato pelas sugestões. O índice anual já estava pronto quando recebemos sua carta. Entretanto, consideraremos sua sugestão para o futuro.

SER DIGNO

Em nossa família adquirimos um grande testemunho do evangelho, e sabemos que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Desejamos que nossos irmãos do mundo inteiro o leiam com real intenção, para que saibam da veracidade do Evangelho de Cristo e do Deus vivente. Sei que ele nos ama, que se entristece quando nos desviamos do caminho e está disposto a nos dar outra oportunidade, para que continuemos a melhorar. Que possamos ser dignos dessas bênçãos!

Juan Ignacio Pulido Escobar
Estaca Villahermosa México
Reforma Chiapas, México

"Fortalece Tuas Estacas"

Presidente Ezra Taft Benson

O termo *estaca* é uma expressão simbólica. Visualizai mentalmente uma grande tenda sustentada por diversas cordas, presas a muitas estacas firmemente enterradas no chão.

A função da estaca é unir e aperfeiçoar seus membros e ser um padrão de retidão, uma defesa contra o mal e um refúgio contra tempestades futuras.

Os profetas comparam Sião dos últimos dias a uma grande tenda que abarca a terra inteira, e que é sustentada por cordas presas a estacas. Essas estacas, é óbvio, são várias organizações geográficas espalhadas pela terra. Hoje, Israel está sendo incluída nas várias estacas de Sião.

A fim de incutir-vos o propósito de uma estaca, citarei algumas passagens das escrituras:

"E novamente, se em Sião ou *em qualquer de suas estacas organizadas*, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de *qualquer de suas estacas organizadas.*" (D&C 68:25-26; grifo nosso.)

Aqui vemos um dos principais propósitos das estacas. Elas são organizadas para ajudarem os pais que tenham "filhos em Sião" a ensinar-lhes o Evangelho de Jesus Cristo e administrar-lhes as ordenanças de salvação. As estacas são formadas para o aperfeiçoamento dos santos, e este desenvolvimento começa no lar, com um eficaz ensino do evangelho.

Só depois de organizada a estaca, pode ser autorizado o programa completo da Igreja para benefício dos membros. Isto significa quoruns do sacerdócio para rapazes e homens adultos e os programas auxiliares da Igreja. Eles existem para ajudar famílias e indivíduos a edificar e fortalecer testemunhos do evangelho, e a preparar-se para o progresso espiritual, durante a provação na terra.

Noutra revelação diz o Senhor: "Pois Sião deverá crescer em beleza, e em santidade; seus limites deverão ser expandidos; suas estacas deverão ser fortalecidas; sim, na verdade vos digo, Sião deverá se erguer e vestir os seus lindos vestidos." (D&C 82:14.)

Aqui o Senhor declara outro grande propósito de uma estaca: ser um lindo emblema para o mundo inteiro ver. A frase "e vestir seus lindos vestidos" refere-se, é lógico, à santidade interior que precisa ser atingida por todo membro que diz ser um santo. Sião é "o puro de coração". (D&C 97:21.)

As estacas de Sião se fortalecem e os limites de Sião se ampliam quando os membros refletem o padrão de santidade que o Senhor espera de seu povo eleito.

"Veste-te da tua fortaleza, ó Sião" é um brado dos profetas em todas as eras, e foi interpretado pelo Profeta Joseph Smith desta maneira:

"(Isto) referia-se àqueles a quem Deus chamaria nos últimos dias, os quais teriam o poder do sacerdócio para outra vez restaurar a Sião e trazer a redenção a Israel; e *vestir a sua fortaleza é vestir-se de autoridade do sacerdócio*, a que ela, Sião, tem o direito por linhagem." (D&C 113:8; grifo nosso.)

Outra revelação do Senhor também explica o propósito da estaca:

"Na verdade digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja um estandarte para as nações;

E para que a congregação na terra de Sião e em suas estacas seja para defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre a terra." (D&C 115:5-6.)

Nesta revelação recebemos o mandamento de fazer nossa luz brilhar como um estandarte para as nações. Estandarte ou padrão é uma medida pela qual se determina o rigor da perfeição. Os santos devem ser um padrão de santidade para o mundo! Esta é a beleza de Sião.

O Senhor depois revela que as estacas de Sião devem ser uma "defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre a terra". As estacas são para os santos uma defesa contra os inimigos, visíveis e invisíveis. A defesa é a orientação dada pelos canais do sacerdócio, que fortalecem testemunhos e promovem solidariedade familiar e retidão pessoal.

No prefácio para suas revelações em Doutrina e Convênios, o Senhor adverte: "O dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio." (D&C 1:35.)

Hoje — cerca de cento e sessenta anos depois de ser dada esta revelação — vemos o cumprimento dessa profecia. Satanás está exibindo com todo furor seu poder

Devemos procurar oportunidades de compartilhar o evangelho com outras pessoas. O trabalho de membros-missionários é a chave para o futuro crescimento da Igreja.

sobre "seu próprio domínio" — a terra. Nunca teve tamanha influência, e somente aqueles que tomaram o Santo Espírito por seu guia e seguem o conselho dos líderes eclesiásticos, serão poupados do malefício de sua influência.

O Senhor declara também, no prefácio para as revelações, que ele "terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio". (D&C 1:36.) Ele o faz operando por intermédio de servos ungidos e autoridades da estaca e ala.

O profeta Néfi, do Livro de Mórmon, previu o dia em que os santos estariam espalhados por estacas no mundo inteiro. Ele viu o tempo em que o Senhor lhes estenderia sua proteção, quando ameaçados por uma tormenta destruidora. Néfi profetizou:

"E aconteceu que eu, Néfi, vi o poder do Cordeiro de Deus que descia sobre os santos da Igreja do Cordeiro e sobre o povo do convênio do Senhor, que estava espalhado sobre a face da terra; e estavam armados com a justiça e o poder de Deus, em grande glória. (1 Néfi 14:14.)

Sabemos por revelação que haverá perigos, calamidades e perseguições nos últimos dias, mas, por sua retidão, os santos serão poupados. A promessa do Senhor no Livro de Mórmon é segura: "Por seu poder ele preservará os justos." (1 Néfi 22:17.)

PROPÓSITOS

Pelas revelações, vemos que uma estaca tem pelo menos quatro propósitos:

1. Cada estaca, presidida por três sumos sacerdotes e apoiada por doze homens como sumo conselho, torna-se uma Igreja em miniatura, para os santos de determinada área geográfica. O propósito é unir e aperfeiçoar os membros que vivem em seus limites, facultando-lhes os programas da Igreja, as ordenanças e a instrução do evangelho.

2. Os membros da estaca devem ser modelo ou padrão de retidão.

3. A estaca deve ser uma defesa. Isto acontece, à medida que os membros se unem sob os oficiais locais do sacerdócio e se consagram a cumprir seu dever e guardar seus convênios. Esses convênios, se guardados se tornam uma proteção contra o erro, o mal ou a calamidade.

Nós só construímos templos em estacas. As bênçãos e ordenanças do templo nos preparam para a exaltação. Obviamente não é possível que cada estaca tenha um templo, mas hoje vemos marcante — sim, miraculoso — desenvolvimento na construção de templos, em diferentes partes do mundo. Esse programa permite que os membros da Igreja recebam as bênçãos plenas do Senhor.

4. A estaca é um refúgio contra as tormentas a serem derramadas sobre a terra.

RESPONSABILIDADE DOS MEMBROS

Tendo em mente esses propósitos da estaca, abordarei a responsabilidade dos membros de uma estaca. Resumamos:

1. Devemos ser uma "luz" do Evangelho de Jesus Cristo para os outros. O Senhor ordenou: "Que classe de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

2. Devemos buscar oportunidades de compartilhar a mensagem do evangelho com outras pessoas. O trabalho do membro missionário é a chave para o futuro crescimento da Igreja, e é uma das grandes chaves do crescimento individual dos membros.

3. Devemos fazer o possível para preparar nossos filhos e netos para a missão. Todo rapaz deve ter uma

Cada estaca, presidida por três sumos sacerdotes e apoiada por um sumo conselho de doze homens, torna-se uma Igreja em miniatura para os santos de determinada área geográfica.

conta de poupança para a missão.

4. O lar deve ser um lugar de refúgio, amor e harmonia. Sob a direção do pai, toda família deve fazer orações, estudar o evangelho e realizar a noite familiar.

5. Devemos buscar as bênçãos e ordenanças do templo. Isto significa guardar os mandamentos do Senhor — honestidade, integridade, castidade pessoal — e apoiar a liderança do sacerdócio do Senhor. Significa também que os irmãos são dignos de serem ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque.

6. Temos a obrigação de realizar ordenanças vicárias pelos parentes falecidos. Isto quer dizer que faremos a pesquisa, a fim de que seus nomes sejam enviados ao templo. Não seremos exaltados se não estivermos eternamente ligados aos nossos antepassados.

7. Devemos procurar ser auto-suficientes como família. Desde 1936, os membros da Igreja foram instruídos a terem uma reserva de mantimentos e roupas para um ano e onde possível, de combustível. Isto nos permitirá sobreviver ao desemprego, perda de rendimentos ou mesmo calamidades, como mencionam as revelações.

8. Os portadores do sacerdócio precisam zelar pelos membros do quorum e seus familiares, por meio do ensino familiar organizado. Devemo-nos interessar por todo irmão da Igreja que estiver ao nosso encargo, e que não participa plenamente da atividade na Igreja.

9. Devemos participar dos programas e atividades da Igreja — santificar o dia do Senhor, freqüentar as reuniões, aceitar chamados e magnificá-los. Prestar serviço de boa vontade; prometo-vos que tereis grande alegria.

10. Todo membro adulto deve ser um dizimista integral e dar uma generosa oferta de jejum.

Testifico-vos que esta é a obra do Senhor, a maior obra no mundo inteiro. Deus nos abençoe, para que sejamos fiéis e valentes no testemunho dessa grande obra.

Termino com o apelo de Morôni, o grande profeta do Livro de Mórmon:

"Veste-te com tuas belas roupagens, ó filha de Sião; fortalece tuas estacas, alarga tuas fronteiras para sempre, para que não mais sejas confundida e sejam cumpridos os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó casa de Israel." (Morôni 10:31.) □

De um discurso dirigido pelo Presidente Ezra Taft Benson às estacas da Igreja.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Senhor instituiu as estacas para quatro propósitos principais:
   - — unir e aperfeiçoar os membros que vivem dentro de seus limites.
   - — serem modelos de retidão.
   - — serem uma defesa para os membros.
   - — serem um refúgio contra tormenta, quando esta for derramada sobre a terra.

2. Fazer parte de uma estaca traz importantes responsabilidades aos membros:
   - — serem uma "luz" do evangelho, compartilhar o evangelho com outros, e preparar filhos e netos para a missão.
   - — fazerem do lar um lugar de refúgio, amor e harmonia.
   - — buscar as bênçãos e ordenanças do templo para si mesmo e para os parentes falecidos.
   - — serem auto-suficientes.
   - — participar dos programas e atividades da Igreja.
   - — pagar o dízimo integralmente e fazer generosas ofertas de jejum.

"ENCONTREI O VERDA

Ann Laemmlen Lewis

Quando Fan Hsieh leu a respeito da restauração do sacerdócio, ele quis saber mais. "Pela primeira vez, desde que fora desobrigado do sacerdócio em minha própria igreja, imaginei a possibilidade de vir a portar o sacerdócio de novo", diz ele.

Depois de servir dezoito anos como sacerdote católico, Hsieh deixou seu ministério por sentir certo "vazio espiritual". Agora, estudando o evangelho restaurado, estava prestes a descobrir o verdadeiro sacerdócio de Deus.

Fan Hsieh nasceu a 23 de agosto de 1922 em Tayeh, uma isolada comunidade agrícola da China. Só iniciou sua educação formal aos dez anos de idade. Após quatro anos de escola particular, matriculou-se numa escola católica, começou a aprender a respeito de Jesus Cristo e foi batizado como católico. "Eu via o exemplo de muitos bons missionários católicos", diz ele, "e pensei que a China pudesse precisar de mais deles para ensinar o povo a respeito de Jesus Cristo. Então decidi tornar-me um sacerdote."

O caminho de Hsieh nesse sentido foi longo e árduo. Freqüentou um seminário católico em Wuhan, durante quatro anos. Depois estudou numa universidade católica na cidade de Beijin (Pequim). Um ano mais tarde, os comunistas tomaram a cidade e Hsieh fugiu para Xangai, onde freqüentou a Universidade Jesuíta Aurora. Quando as forças comunistas invadiram Xangai, ele transferiu-se para o seminário católico de Hong Kong. Depois, por motivos políticos, o seminário foi transferido para Macau. Foi aí que Hsieh foi ordenado padre católico.

Depois da ordenação, ele foi designado para Roma, Itália, onde estudou italiano, latim e direito por quatro anos. Em seguida foi para Paris, França, onde estudou francês, grego, hebraico, inglês, espanhol e alemão, a fim de entender melhor textos originais e as várias traduções da Bíblia. Queria aprender tudo que pudesse a respeito do Salvador.

Em 1967 finalmente, o desejo original de Hsieh, de ensinar seu povo a respeito de Jesus Cristo, tornou-se realidade. O Cardeal Yu Ping, presidente da Universidade Católica Fu Jen em Taiwan, convidou-o a integrar seu corpo docente, como professor de filosofia e francês. Nesta designação, Hsieh começou a expressar a terceiros seu crescente testemunho de Jesus Cristo.

"Passei dezoito anos ensinando e cumprindo minhas responsabilidades como sacerdote", diz Hsieh. "Eu era muito ocupado, mas não era feliz. Tivera oportunidade de estudar na Europa; fora professor, estudante, catedrático, capelão, diretor de seminário — minha vida era intensa — mas havia um vazio espiritual."

E havia na igreja Católica regras e costumes com os quais Hsieh não concordava, tal como o veto a certos livros — e ele gostava de ler e estudar tudo que pudesse. Outro problema que o afligia, como sacerdote ordenado, era a declaração do Senhor: "Não é bom que o homem esteja só." (Gênesis 2:18.)

"Esta escritura em particular tornou-se uma realidade vívida para mim, quando certa vez fiquei gravemente doente e não havia ninguém para cuidar de mim. Sentia-me muito só. Compreendi a necessidade de uma companheira com quem pudesse compartilhar minha vida. Decidi, então, que ficar para sempre só não era certo."

DEIRO SACERDÓCIO”

Esses sentimentos se foram avolumando com o passar do tempo. Finalmente, em 1973, ele solicitou desobrigação dos votos sacerdotais. Demitiu-se da Universidade Fu Jen, sendo contratado imediatamente pela Universidade Nacional Cheng Chi de Taipé. Passado um ano, Hsieh conheceu, cortejou e desposou uma de suas assistentes universitárias. Na época ele tinha cinqüenta anos.

“Desistir do sacerdócio foi muito difícil para mim”, diz ele. “Fora padre durante longos anos. Agora desistira de tudo aquilo pelo que vivera até então. Sentia falta de compartilhar meu conhecimento e discernimento do evangelho, algo que podia fazer como sacerdote. Pensei em tornar-me ministro em outra igreja que permitisse que os ministros se casassem, mas devido à crença na igreja Católica, não pude fazê-lo.”

Três anos depois de seu casamento, Hsieh encontrava-se sozinho em casa, quando dois jovens bateram à porta. “Eles queriam conversar comigo e eu respondi que não tinha tempo nem interesse no que quer que quisessem dizer-me. Pensando, porém, a respeito deles, fiquei curioso de saber quem eram e o que faziam em Taiwan; então olhei do terraço de meu apartamento e vi que batiam de porta em porta. Esperei muito tempo até que saíssem de um dos apartamentos e os chamei de volta.

A primeira coisa que lhes perguntei foi se eram missionários. Ao dizerem que sim, indaguei qual era sua religião. Muitas de minhas perguntas ficaram sem resposta e não fiquei muito satisfeito com a primeira conversa.

Naquela noite, discutindo a visita deles com minha esposa, ela lembrou-me da advertência do Senhor de nos acautelarmos dos falsos profetas.” (Vide Mateus 7:15.)

Quando os missionários apareceram novamente, Hsieh não pretendia deixá-los entrar, mas também não queria ser descortês. Durante toda a noite Hsieh explicou aos missionários como deveria ser a verdadeira religião. Ele não contou que fora sacerdote católico, mas eles ficaram entusiasmados com seu conhecimento do cristianismo.

Conta Donald B. Cenatiempo, um dos missionários, a respeito da experiência: “Sentia-me como se fôssemos os alunos e ele o professor. Dava para notar que era um homem muito inteligente e religioso.” Os missionários perguntaram se poderiam voltar, e Hsieh permitiu. As visitas se tornaram um ritual semanal.

“Eu não queria mandá-los embora”, recorda Hsieh. “Pensei que se a igreja deles fosse verdadeira, devia ter um profeta e revelação contínua. Perguntei-lhes por que sua igreja não usava cruz nem crucifixo, e eles responderam: ‘Porque Cristo ressuscitou. Cristo vive. Se um de seus amigos ou parentes morre’ disseram, ‘o senhor tira uma fotografia deles, depois de mortos, e fica mostrando aos outros?’ Fui espiritualmente tocado pela sabedoria da resposta.”

Hsieh começou a ler o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios, do qual gostou especialmente por ser um registro do Senhor falando ao homem nos últimos dias. Quis ler outros livros e os missionários lhe deram um exemplar de *Uma Obra Maravilhosa e um Assombro* de Élder LeGrand Richards.

“Explicamos que o irmão Hsieh podia receber o

Fan Hsieh, sua esposa Shou-yi Lou, e o filho de dezesseis anos, Ya-way. Um ex-sacerdote católico, irmão Hsieh serviu na presidência do Templo de Taiwan de 1986 a 1990. A irmã Hsieh tem servido nas auxiliares da ala, como oficiante do templo e instrutora do instituto de religião. Ya-way realizou mais de dois mil batismos vicários quando era diácono.

sacerdócio e cumprir certos deveres do mesmo", diz o élder Cenatiempo. "O irmão Hsieh compreendeu perfeitamente o que significaria para ele portar o sacerdócio — o verdadeiro sacerdócio de Deus."

Hsieh explicou à esposa o que havia lido, e ela achou muito interessante. Juntos estudaram e oraram em busca de entendimento. Finalmente, a esposa de Hsieh comunicou aos missionários: "Nós oramos e achamos melhor sermos batizados juntos." Eles foram batizados em dezembro de 1977.

Nos anos seguintes a esse acontecimento especial na vida deles, adquiriram um forte testemunho, que gostam de compartilhar com outros.

"Sempre dissemos que estaríamos dispostos a fazer o que o Senhor quisesse", diz o irmão Hsieh. "E sempre procuramos aproveitar toda a oportunidade e cada talento que nos foi dado, para ajudar a edificar o reino de Deus na terra e compartilhar a mensagem do evangelho.

O irmão Hsieh tem encontrado algumas oportunidades únicas de fazê-lo. Sete vezes ele proferiu palestras na Conferência Internacional para Professores Cristãos. "Eles estão interesssados na Igreja, por ser relativamente nova e singular no cristianismo moderno", diz ele. "O Senhor me deu muitas oportunidades de prestar testemunho a esses eruditos."

Atualmente, o irmão Hsieh, membro da Ala Mu Cha, serve como sumo conselheiro na Estaca Taipé Taiwan Leste, e colabora numa segunda tradução do Livro de Mórmon para o chinês.

"O evangelho é o amor de Deus", diz ele. "É importante que todos ouçam esta mensagem. O que fazemos, fazemo-lo pela glória de Deus e salvação de almas. A amizade é o método pelo qual compartilhamos o evangelho. A meta final de todos é a salvação e exaltação." □

FOTO DE M.M. KAWASAKI

OS AMIGOS DE LIISA

Richard M. Romney

Os golfinhos ensinaram a Liisa Roto que com os animais, como com pessoas, o amor nasce da confiança.

Liisa Roto, de Tampere, Finlândia, tem alguns amigos que ela gostaria que conhecessem, mas para visitá-los é preciso permissão prévia, e também usar sapatos de papel para não carregar bactérias para a área em que vivem. E Liisa tem de falar com eles, acalmá-los e convencê-los a terem confiança no visitante.

Então Liisa fica ao lado de um tanque, levanta as duas mãos acima da cabeça e faz soar um apito. Seus amigos disparam em sua direção, pela água, qual torpedos lustrosos e cinzentos. Em seguida eles se erguem como mísseis e lançam-se ao ar, molhando todos no processo.

Os amigos de Liisa são golfinhos.

"São criaturas maravilhosas", conta Liisa. "Lidando com eles todos os dias, trabalhando com eles, treinando-os, chega-se a conhecer cada um como um indivíduo." Liisa chama cada golfinho pelo nome e todos eles atendem.

"Esta é Nasi. Ela gosta de tirar fotografias." E o golfinho se apressa a fazer pose.

Quando Liisa, de vinte anos, soube do emprego no *Delfinaario* (aquário de golfinhos), ficou entusiasmada. Tinha boas qualificações. Na escola secundária da Finlândia ela estudara biologia, mas também matemática, ciência, física e química.

"Tudo isso faz parte do trabalho", explica ela. "E sempre me interessei por animais." E o emprego ajudá-la-ia a ganhar dinheiro para pagar os estudos universitários na Suécia. Seu entusiasmo e formação compensaram — ela foi contratada.

Liisa aprendeu que fazer amizade com mamíferos oceânicos significa serviço. Todos os dias ela prepara a ração deles, dá-lhes vitaminas, brinca com eles e colhe amostras da água de seus tanques, para exames de laboratório. Quando não está lidando diretamente com os golfinhos, pode ser encontrada registrando a história diária de cada animal no computador, discutindo testes de laboratório das amostras de água ou lendo relatórios técnicos.

Ela também passa tempo com outros treinadores e pesquisadores, e é mestre de cerimônia nos espetáculos de golfinhos apresentados a turistas e visitantes, reunidos na arena do *Delfinaario*. Às vezes ela se encontra com o

Cada dia é repleto de trabalho, mas trabalhar juntos cria um profundo senso de camaradagem. O público muitas vezes comenta como os golfinhos e treinadores parecem conhecer-se perfeitamente.

pai, Pekka Roto, presidente de estaca em Tampere, para uma ida ao famoso mercado coberto de Tampere, onde os corredores são repletos de produtos do mundo inteiro.

"Eu continuo comendo peixe", diz ela, notando que golfinhos não são peixes mas mamíferos, "mas já não sou muito amiga de arenques. É a ração dos golfinhos."

O prato favorito de Liisa? "Cogumelos."

Seu apego aos animais nasceu naturalmente. Quando criança, ela viveu numa fazenda e tinha um cavalo de estimação. "Lembro-me de que, quando jovem, me perguntava se o Senhor amaria meu cavalo tanto quanto eu o amava. Decidi que sim, e que eu devia amar todas as criaturas, também. Elas são parte deste mundo que ele criou para nós."

Conversando com Liisa sobre golfinhos, dá para notar que ela sabe muitas coisas sobre eles: Os golfinhos são levados para a Finlândia da Flórida, nos Estados Unidos, e do Golfo do México. Durante o transporte para o novo lar, eles são besuntados com uma emulsão que impede a perda de umidade. Os golfinhos não comem naturalmente peixe morto — precisam ser ensinados; mas os filhotes podem ser alimentados esguichando-se leite em seu focinho. Quando um dos animais está doente, os outros se compadecem e cuidam dele. E os golfinhos são alguns dos animais mais inteligentes. Eles se comunicam entre si por meio de uma série de assobios e ruídos estridentes, que soam quase como pios de pássaros. Eles se orientam na água usando uma espécie de sonar interior.

Liisa sabe que os golfinhos são saltadores por natureza e que os treinadores reforçam essa característica para ensinar-lhes novos truques, como "andar" sobre a cauda na superfície da água. Os golfinhos brincam para divertir-se e os treinadores aproveitam essa tendência para ensiná-los a usarem bolas, argolas e cestas.

Percebe-se também que Liisa é muito apegada aos golfinhos. Ela despeja água no tanque e mostra como os golfinhos se juntam para sentir as bolhas no focinho e na cabeça. Ela faz os animais espadanarem a água com suas barbatanas ou saírem do tanque para serem acariciados, mas sempre tratando-os com o máximo respeito.

Todos os dias, Liisa escreve a história de cada golfinho. "Estou simplesmente acompanhando de perto meus amiguinhos", diz ela.

"Eles são meus amigos", diz ela. "Eu sei que o Pai Celestial quer que sejamos bondosos com eles."

Liisa leu na Pérola de Grande Valor que o Senhor criou as criaturas do mar. "E eu, Deus, disse: Produzam as águas, abundantemente, criaturas que se movam e que tenham vida." (Moisés 2:20.) Ela sabe que o Senhor criou "espiritualmente todas as coisas... antes que elas fossem naturais sobre a face da terra". (Moisés 3:5.) E lembra uma escritura em Doutrina e Convênios: "Pois é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável, como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as minhas criaturas." (D&C 104:13.)

"Não consigo trabalhar com os golfinhos e achar que foram criados por acaso", diz Liisa. "Não consigo ler as escrituras sem sentir que o Senhor quer que compartilhemos o mundo com seus outros habitantes, de modo que possamos todos viver e crescer juntos."

É esta convicção que fez os companheiros de Liisa respeitá-la por seu amor aos animais, também.

Naturalmente, a vida de Liisa não se concentra só nos golfinhos. Na faculdade, ela vai estudar Economia e espera trabalhar nesse campo. Ela tem uma família que a ama e admira, e tem um chamado na Igreja. Ela fala na possibilidade de cumprir missão, de casar-se no templo e ter uma família própria. E continua visitando a fazenda da família nos arredores de Tampere, pois é amiga dos animais de lá também.

Liisa encara seu emprego no *Delfinaario* como um trabalho temporário. "É um trabalho que eu adoro", diz ela, "mas não é o que planejo fazer para sempre." Enquanto isso, está aprendendo muita coisa sobre pesquisa e sobre treinar com amor — "os golfinhos realmente percebem como nos sentimos em relação a eles", diz — e sobre amizade, o tipo de amizade que o Pai Celestial pretendeu que existisse entre os animais e os humanos. □

Nota do editor: Depois que o artigo foi escrito, Liisa foi chamada como missionária de tempo integral para os Estados Unidos, e está servindo na Missão Ogden Utah.

FOTO DE TIMOTHY TADDIAN

Marvin K. Gardner

NAS RUAS DA ANTIGA JERUSALÉM

Jerusalém Antiga.

Ruas estreitas — pouco mais largas que um beco — ficam apinhadas de pessoas de todo o mundo: turistas de bermudas e óculos escuros, sacerdotes envergando vestes de diversas ordens religiosas, jovens soldados carregando metralhadoras, homens e rapazes judeus usando solidéu, e árabes em graciosos mantos e turbantes. Algumas mulheres usam xales e véus; outras trajam roupa formal. Crianças pequenas correm por entre a multidão.

Ao atravessarmos o *souk* (mercado), ouvimos por todo lado pessoas pechinchando. E as escolhas são assombrosas. Os vendedores expõem as mercadorias estendendo-as em plena rua, defronte da loja. Há cestos cheios de nozes, frutas e verduras. Longos trajes bordados pendem do alto. As prateleiras estão repletas de estatuetas religiosas esculpidas em madeira de oliveiras. São fileiras e mais fileiras de panelas de latão, bandejas de cobre e prata, cerâmica vitrificada da Armênia e jarras persas. E há uma infinidade de jóias de ouro e prata, agasalhos de pele de carneiro e couro, e exóticos tapetes orientais.

Alguém está preparando *falafel* (mistura condimentada de legumes picados); outro assando *shish kebab*; ao aroma de pão fresco mescla-se o cheiro de estranhas especiarias. Mercadores postados à porta da loja nos convidam a entrar. Músicas de várias procedências vêm dos rádios.

Minha esposa Mary, e eu paramos numa pequena loja de artigos religiosos que interessam a cristãos, judeus e muçulmanos. Enquanto apreciamos a mercadoria, o dono — um pequeno e magro árabe — explica a utilidade e significado de diversos objetos. E fala-nos do Corão.

Decidimos o que levar e começamos o costumeiro ritual da pechincha. Esperando ter conseguido um preço justo, entregamos ao homem algumas notas novinhas.

Ele as conta e surpreende-nos devolvendo-nos uma.

"Deram-me demais", explica. As cédulas novas haviam ficado grudadas e, assim, pagáramos mais do que o devido.

"Muito obrigada", diz Mary. "Apreciamos sua honestidade."

"Ora, eu não estou sendo honesto com *os senhores*", replica o homem. "Estou sendo honesto comigo e minha casa. Não vou comprar alimento para minha família com dinheiro desonesto!"

Voltando para a rua barulhenta e cheia de gente, compreendemos que conseguíramos mais do que pretendíamos — a lembrança de um amigo árabe que não quis vender-se por uma nota nova de dólar. □

TRACE SUA ROTA POR ELA

Sua bênção patriarcal pode guiá-lo pela vida inteira.

Élder Richard P. Lindsay
do Quorum dos Setenta

Eu era bem criança quando meu pai morreu de pneumonia. Meu irmão de quatorze anos faleceu poucos dias depois, de um outro mal. Era o início da década de trinta e estávamos em plena depressão nos Estados Unidos. Empregos eram raros e o dinheiro também escasso. Minha mãe, uma enfermeira, lutava para sustentar os cinco filhos restantes. Não era uma vida fácil para nós, e muitas vezes ficava imaginando como tudo terminaria.

Uma coisa, porém, aconteceu naqueles tempos duros, de que me lembro como se fosse ontem, algo que me fez olhar o futuro com coragem e esperança.

Cerca de um ano após o falecimento de meu pai, um primo dele foi visitar-nos. Israel Bennion chegou não só para uma visita social, mas como patriarca da estaca. Todos nós, crianças, banhados e trajados como se fôssemos à Igreja, esperamos nossa vez para que aquele homem digno nos colocasse as mãos sobre a cabeça e desse-nos a bênção patriarcal.

Eu tinha só sete anos, idade insuficiente para entender o alcance do que estava acontecendo. (Hoje, a Igreja recomenda esperar até que sejam mais velhos para receber a bênção patriarcal.) Senti uma grande reverência, a mesma coisa que costumava sentir nas reuniões de jejum e testemunho. Lembrei-me de suas instruções, embora breves, de que minha bênção devia ser um guia para mim, algo que usasse para traçar meu curso pela vida afora.

Embora criança, fiquei impressionado com as declarações do irmão Bennion ao dar-me a bênção. Disse-me que o Espírito do Senhor me acompanharia durante meu crescimento, que o evangelho estaria em meu coração, que eu amaria a obra do Senhor e que por ele seria abençoado.

■ Como se obtém a bênção patriarcal? Iniciai o processo formal conversando com o bispo. Ele poderá responder a vossas perguntas e ajudar-vos na prepararação. Quando estiverdes prontos, ele vos dará uma recomendação.

■ O bispo é instruído a emitir recomendações somente para quem tiver idade suficiente e for membro da Igreja há tempo bastante para apreciar a natureza sagrada da bênção.

■ A bênção é dada em particular, embora alguns familiares possam estar presentes. Chegai à entrevista numa atitude de humildade e oração. Poderíeis também estar em jejum.

■ Não compareis bênçãos, nem faleis delas a não ser com pessoas chegadas da família. Elas não devem ser lidas na Igreja ou em reuniões públicas.

■ A bênção patriarcal não é uma previsão do destino. É uma fonte de orientação, à medida que cresceis em maturidade e espiritualidade. Como acontece com todas as bênçãos, o cumprimento de vossa bênção patriarcal depende da dignidade pessoal e de vossa proximidade com o Espírito.

Falou do futuro, de que um dia eu seria um juiz em Israel, que teria filhos, um corpo forte e mente saudável.

Acima de tudo, porém, ele despertou algo em mim. Comecei a perceber que era literalmente um filho de Deus. O Senhor sabia quem eu era e o que estava fazendo. Se vivesse corretamente, ele me ajudaria.

Minha bênção patriarcal consiste de só duzentas e sessenta e três palavras, mas sempre me causou profunda impressão. Lendo-a e refletindo sobre ela no decorrer dos anos, essa impressão jamais diminuiu.

Para uma criança de sete anos, a expressão "juiz em Israel" era muito profunda para ser entendida. Na adolescência, entretanto, aprendi que ela era usada para descrever um bispo. Eu não conseguia imaginar-me como tal, mas sabia que, para ser bispo, era melhor ser digno. Tracei um curso que incluía honestidade, altos padrões e pureza moral. (E fui mesmo chamado como bispo, por homens que nada sabiam da promessa patriarcal.)

Carreguei minha bênção patriarcal comigo enquanto servi na Marinha dos Estados Unidos, na II Guerra Mundial. Eu me criara em Taylorsville, Utah, protegido e tímido, produto de uma tranqüila comunidade pioneira. Agora enfrentava uma vida mais rude, onde palavrões e profanidades eram coisas comuns, onde certos homens se vangloriavam diariamente de proezas

sexuais. Novamente, minha bênção patriarcal serviu-me de farol. Suas promessas me davam esperança de permanecer puro, de sobreviver ao conflito e viver para servir no reino de nosso Pai Celestial.

Durante minha missão na Europa, uma frase de minha bênção patriarcal, sobre pregação do evangelho com poder, lembrava-me de que estava a serviço do Senhor e que, portanto, devia falar com autoridade. Quando voltei para casa e comecei a procurar uma esposa, sabia que precisava encontrar alguém que me ajudasse a ser digno. Afinal, minha bênção patriarcal fazia referência às alegrias de uma justa posteridade. Hoje, emociono-me em ir ao templo com meus seis filhos e seus cônjuges, e realmente encontro alegria e regozijo em minha posteridade.

Existe uma sentença em minha bênção patriarcal, que sempre me intrigou. Diz ela: "Verás grande progresso na obra do Senhor; pois Sião será a cabeça e não o calcanhar." Esta frase me tem ocorrido repetidamente, nos últimos tempos, enquanto todos nós observamos o crescimento e progresso da Igreja do Senhor no mundo inteiro.

Posso afirmar verdadeiramente que minha bênção patriarcal, embora curta, tem sido um guia constante para mim. Vossa bênção patriarcal poderá fazer o mesmo por vós, desde que a leiais com freqüência e traceis vosso rumo por ela. Nestes tempos desafiadores, em que enfrentais tentações e pressões para comprometer vossas crenças, a bênção patriarcal pode ser fonte de grande força que vos instilará fé em um Pai Celestial amoroso e pessoal. □

BENÇÃOS DENTRO DE BENÇÃOS

A bênção patriarcal não é apenas para o futuro. A própria experiência de recebe-la já é uma bênção, a experiência de aprender em primeira mão quão importantes e maravilhosos sois aos olhos do Senhor. Não obstante, podereis ter algumas preocupações.

1. *Não estou certo se tenho idade suficiente ou estou preparado para uma bênção patriarcal.*

Por que não conversar com vossos pais ou o bispo sobre o assunto? Perguntai-lhes se acham que já tendes idade suficiente ou estais preparados.

2. *Meus pais podem falar comigo a respeito de suas bênçãos patriarcais?*

Se vossos pais já receberam suas bênçãos, perguntai-lhes se gostariam de contar-vos partes delas. Provavelmente vereis que sois uma das bênçãos que lhes foram prometidas. Por exemplo, se lhes foi prometida uma posteridade justa, sois importantes elos nessa cadeia.

3. *E se meus pais não forem membros da Igreja ou não me apoiarem nas atividades dela?*

Verificai com vosso bispo ou patriarca. Eles poderão ter sugestões úteis sobre como envolver apropriadamente os pais.

4. *Não me julgo digno de receber a bênção patriarcal.*

Caso vos sintais indignos, tornai-vos dignos. Ordenai vossa vida. Conversai com vossos pais ou bispo, se necessário, mas lembrai-vos também de que todos estamos aprendendo e crescendo. Um dos motivos para se obter a bênção patriarcal é receber orientação e força.

5. *Tenho medo de que o Senhor revele o que espera de mim e então eu serei obrigado a fazê-lo.*

Na verdade, o Senhor já revelou muitas coisas que ele espera de nós: retidão, obediência, compaixão, honestidade. Estes princípios foram ensinados durante toda a vida. E já assumimos compromissos — no batismo, toda vez que tomamos o sacramento, quando recebemos o sacerdócio. Lembremo-nos, a bênção patriarcal é uma expressão pessoal do amor do Senhor por nós. Mais do que outra coisa, ela nos ajuda a entender, pelo Espírito, nosso maravilhoso potencial e algumas das grandes bênçãos que o Senhor nos preparou, se guardarmos os mandamentos. □

O PROPÓSITO DA VIDA COMO MULHER SOLTEIRA

Tenho aprendido que o mais elevado propósito da vida da mulher é ser esposa e mãe. Se for verdade, qual é o propósito ou valor de minha vida como mulher solteira?

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Mary Ellen Edmunds, diretora associada de treinamento no Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah, e membro da junta geral da Sociedade de Socorro.

Há muitas mulheres SUD não casadas, que têm a mesma preocupação, mas uma perspectiva apropriada pode fazer uma significativa diferença na visão de nosso valor intrínseco, como mulher, e de nosso potencial para progredir e contribuir.

Em Moisés 1:39, o Senhor nos diz que sua obra e glória é "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". Somos seus filhos espirituais. Nosso valor não resulta de uma circunstância nem de nosso nível particular de obediência e retidão. É parte de nossa herança como filhas de Deus. Nenhuma condição, ação, atitude ou pensamento pode modificar ou diminuir o amor que ele nos tem ou o valor de nossa alma à sua vista ou em seu plano. Nosso *merecimento* pode mudar devido a nossas escolhas, mas nosso *valor* é eterno à vista do Pai Celestial, que tudo sabe e ama todos nós.

Como solteira, eu estaria cometendo um grave erro se julgasse o amor do Pai Celestial e seus sentimentos sobre meu valor, com base em meu estado civil ou em ter filhos atualmente. Além do mais, não é verdade que o casamento e os filhos automaticamente trazem felicidade, assim como não é verdade que os que não são casados ou não têm filhos não tenham valor nem propósito. Muitas mulheres com filhos vêem-se assoberbadas pela vida e não se valorizam, e se sentem sós, cansadas e frustradas.

É lamentável que algumas mulheres SUD solteiras fiquem desanimadas e retraiam-se, percam o amor-próprio e a auto-estima, sintam-se enganadas e desprezadas, e só pensem em si. Isto geralmente leva a muita autocomiseração.

Pode ser difícil para a mulher solteira deixar de erguer muros que a isolem das pessoas. Se dermos ouvidos a Satanás, é fácil criar ressentimentos, porque outros parecem ser mais felizes e ter mais oportunidades do que nós.

É bem melhor sermos o melhor que pudermos, trabalharmos e servirmos com abnegação, e colhermos muitos benefícios e alegrias de cada experiência, todos os dias. A verdade é que todos neste mundo têm algumas coisas que não temos — e *nós* temos outras que eles não têm. O serviço abnegado contribui muito para vencermos complexos, reclamações, achaques e dores espirituais.

Depois, também, existem coisas que não podemos aprender se passarmos todo o tempo sozinhas. Podemos acomodar-nos demais,

pensando só em nós, pondo todos os nossos desejos e necessidades em primeiro lugar. Por isso, é importante fazer certo esforço para conviver com outros, aprender *com* eles e por meio *deles*. Uma de nossas grandes metas é aprender a conviver numa sociedade unida por amor e respeito.

Parte do propósito da vida é, na verdade, aprender a tratar os outros como nosso Pai o faria, a estimar os outros como a nós mesmas. (Vide D&C 38:24-27.) Provavelmente somos responsáveis pela maneira como elevamos e abençoamos nossos semelhantes, bem como pelo modo como os prejudicamos ou ofendemos. Neste contexto, é importante compreendermos que podemos fazer muita coisa para ajudar pessoas sós—particularmente mulheres—a terem um senso do próprio valor, de pertencer, de contribuir. Sejamos bondosas e gentis quando fazemos generalizações, baseando nossa percepção no que realmente importa na vida.

E o que mais importa? Que amemos a Deus e nossos semelhantes, compartilhando com eles os dons que recebemos do Pai Celestial. Isto é o que mais agrada a Deus. É importante, em qualquer momento de nossa vida, saber que o que fazemos agrada ao Pai, que estamos envolvidas em atividades que o ajudam a realizar sua obra, e que estamos ajudando a preparar o mundo para a volta do Salvador. Nada pode trazer-nos maior paz.

Contar nossas inúmeras bênçãos, uma por uma, é uma experiência reveladora e santificante. Oh, como deveríamos agradecer, louvar, confiar e servir ao Pai Celestial, que tornou possíveis nossas bênçãos!

A vida é muito mais satisfatória quando nos concentramos em tudo o que temos, em lugar de em tudo que não temos ainda. Temos fé, esperança, caridade. Temos um corpo, a oportunidade de nos arrependermos e mudar, e a possibilidade de nos tornarmos como Deus é. Temos tempo, e arbítrio, e sapatos, e água, e a capacidade de ler, de pensar e orar. Tudo são bênçãos que nos dizem: "Deus te ama. Grande é o valor de tua alma na vista de teu Pai Celestial."

Temos a promessa de que ele nos reservou dons acima de nossa compreensão. O Presidente Ezra Taft Benson observou que "nem todas as irmãs da Igreja terão oportunidade de casar-se e ser mãe na mortalidade. Se, porém, vós que vos encontrais nesta situação, fordes dignas e perseverardes até o fim, podeis estar certas de receber todas as bênçãos do bondoso e amoroso Pai Celestial—e repito, *todas as bênçãos*.

Asseguro-vos que, se tiverdes de esperar até a vida vindoura para serdes abençoadas com um companheiro, Deus certamente vos recompensará. O tempo só conta para o homem. Deus tem em mente vossa perspectiva eterna." ("Às Irmãs Adultas Solteiras da Igreja", *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 103.)

Não permitamos que uma condição particular dite nossa felicidade ou senso de valor. Temos de buscar a fé, a gratidão e a perspectiva para nos sairmos bem em todas as circunstâncias em que nos encontremos. Então chegaremos ao ponto em que confiamos plenamente no Pai Celestial e temos profunda consciência de seu amor e de nosso valor e propósito à vista dele. □

Caridade: Um Ministério de Abnegação

"A caridade nunca falha." (Morôni 7:46.)

Talvez não compreendemos plenamente o sentido desta escritura ou como ela se aplica à nossa vida, mas podemos obter um testemunho de sua veracidade, quando sentimos a alegria de servir ao próximo.

O PURO AMOR DE CRISTO

A caridade é um princípio fundamental na vida das irmãs de toda parte, seja qual for sua condição. Ela nos motiva a servir em ocasiões inconvenientes, sem pensar em recompensa.

Mórmon nos diz que a "caridade é o puro amor de Cristo". (Morôni 7:47.) Diariamente temos oportunidades de demonstrar esse tipo de amor.

Julia Mavimbela, por exemplo, mostra caridade no serviço comunitário em Soweto, um arrabalde de Johannesburgo, África do Sul. Ela trabalha para eliminar o analfabetismo e outros problemas sociais de seu povo. Além de colaborar com líderes nacionais e comunitários, ela começou a praticar jardinagem com crianças cujos pais estão desempregados por problemas políticos. Essas crianças começaram a mostrar aos pais seus conhecimentos de jardinagem, o que levou a muitas novas hortas familiares. Quando outros nos viram cultivar hortas, também se envolveram. Julia não só ajudou a aliviar problemas materiais, mas também atendeu às necessidades sociais e espirituais de membros da comunidade.

Como podemos desenvolver essa espécie de amor que nos motiva a servir à maneira de Cristo?

MINISTRANDO DE FORMA COMUM

As oportunidades de servir geralmente surgem de maneira aparentemente insignificantes. No mundo inteiro, mulheres ministram abnegadamente, como professoras visitantes. Elas atuam como instrumento nas mãos do Senhor, quando demonstram amor, incentivam, ensinam e fortalecem outras mulheres — muitas vezes com sacrifício pessoal considerável. As mães labutam firmemente, dia após dia, amando, ensinando e educando seus filhos. Irmãs são muitas vezes chamadas a ensinar e instruir filhos alheios, em classes e atividades.

Mulheres caridosas ouvem as que estão desanimadas e deprimidas. Elas ajudam as irmãs (vide Mateus 25:40) sem julgar ou criticar. Procuram socorrer os "fracos, (erguer) as mãos que pendem e (fortalecer) os joelhos enfraquecidos". (D&C 81:5.)

Quais são algumas formas simples e comuns de exercer caridade?

OCUPAR-SE ZELOSAMENTE

Exercer caridade significa não precisar receber um pedido. As mulheres podem "se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem; Pois *(nelas) está o poder* para assim fazer, no que são seus próprios árbitros." (D&C 58:27-28; grifo nosso.) O exemplo do Salvador, de cuidar do indivíduo mostra-nos como podemos demonstrar bondade além do que é esperado.

Se servirmos com compaixão cristã, as bênçãos do Senhor acompanharão nossos esforços. E, "quando ele aparecer (seremos) semelhantes a ele", porque teremos aprendido a amar como ele ama. (Morôni 7:48.)

Em que sentido podemos crescer, exercendo caridade? □

ILUSTRADO POR BETH MARYON WHITTAKER

COMO LIDAR COM O ESTRESSE E O DESÂNIMO

Fomos convidados para um elegante banquete, onde será servida uma suntuosa refeição de diversos pratos.

Ao sentar-nos, somos informados de que dispomos de apenas três minutos para consumir a refeição. Provavelmente sentiremos que o que poderia ter sido uma experiência agradável, transformou-se num pesadelo.

Por mais improvável que esta cena possa ser, serve para ilustrar a fonte de muitos tipos de estresse. Uma mesa elegantemente arrumada, com pratos igualmente apetitosos, simplesmente precisa de mais de três minutos para ser plenamente apreciada. Assim, quando circunstâncias exigem mais de nós do que sentimos poder dar, podemos sentir-nos assoberbados.

Para alguns de nós, tal sentimento poderá surgir por termos uma casa cheia de filhos em crescimento, cada qual exigindo tempo e atenção. Talvez nos tenhamos envolvido em atividades demais, não dando conta de todas elas, como gostaríamos. Membros da família podem ter prazos a cumprir, o que cria pressão sobre nós; ou talvez tenhamos problemas de saúde que nos estejam deixando irritadiços, impacientes e cansados.

A lista é interminável. Alguns entendidos costumam classificar atividades estressantes pela porção de estresse que produzem, mas a verdade é que é mais *nossa* maneira de reagir aos eventos, do que eles propriamente ditos, que causa estresse. É a capacidade de ajustamento a mudanças de condições que determina o grau de estresse que sentimos. É por esta razão que o que é estressante para uma pessoa, não o é, necessariamente, para outra.

Surpreendentemente, um pouco de pressão pode ser bom para nós. Conforme Léhi explica, a oposição é essencial para o crescimento pessoal. (Vide 2 Néfi 2:11-16.) As pesquisas mostram que as pessoas que encaram a pressão com coragem, por exemplo, olharão um acontecimento potencialmente difícil como um desafio, em lugar de uma coisa assustadora. Mesmo trabalhar sessenta horas semanais num projeto pode ser estimulante e emocionante, enquanto estivermos comprometidos com ele. Como lidamos com o estresse, portanto, é mais importante do que sua causa, mas é benéfico identificarmos as causas do estresse, para podermos lidar com ele.

ESTRESSE E TENSÃO

Qualquer engenheiro nos explicará que a pressão é parte essencial de uma estrutura, mas o excesso de pressão pode danificá-la. Igualmente, uma vez que a pressão normal da vida sobe a certo nível, já não serve mais a um propósito produtivo e enfrentamos eventuais danos emocionais e físicos.

Um excesso de tensão poderá ocorrer quando os pais exigem perfeição de si próprios e no desempenho e realizações de seus filhos. A verdade é que poucos alcançam perfeição nesta vida. Para muitos de nós, o melhor que podemos esperar é um progresso constante rumo à meta que o Pai Celestial nos traçou.

Diz o Élder Neal A. Maxwell: "Quando em situações de estresse imaginamos se teremos mais alguma coisa para dar, poderá ser um conforto saber que Deus, que conhece perfeitamente nossa capacidade, nos enviou para cá para termos sucesso. Ninguém foi preordenado para falhar ou ser iníquo. Quando formos pesados na balança e considerados em falta, lembremo-nos de que fomos medidos antes, e considerados à altura de nossas tarefas; e, portanto, continuemos, mas com a determinação de sermos melhores discípulos. Quando nos sentirmos assoberbados, lembremo-nos de que Deus não exigirá de nós, mais do que podemos dar; ele não nos imporá mais do que podemos suportar. (D&C 50:40.)" ("Meeting the Challenges of Today", em *Devotional Speeches of the Year,* Provo: Brigham

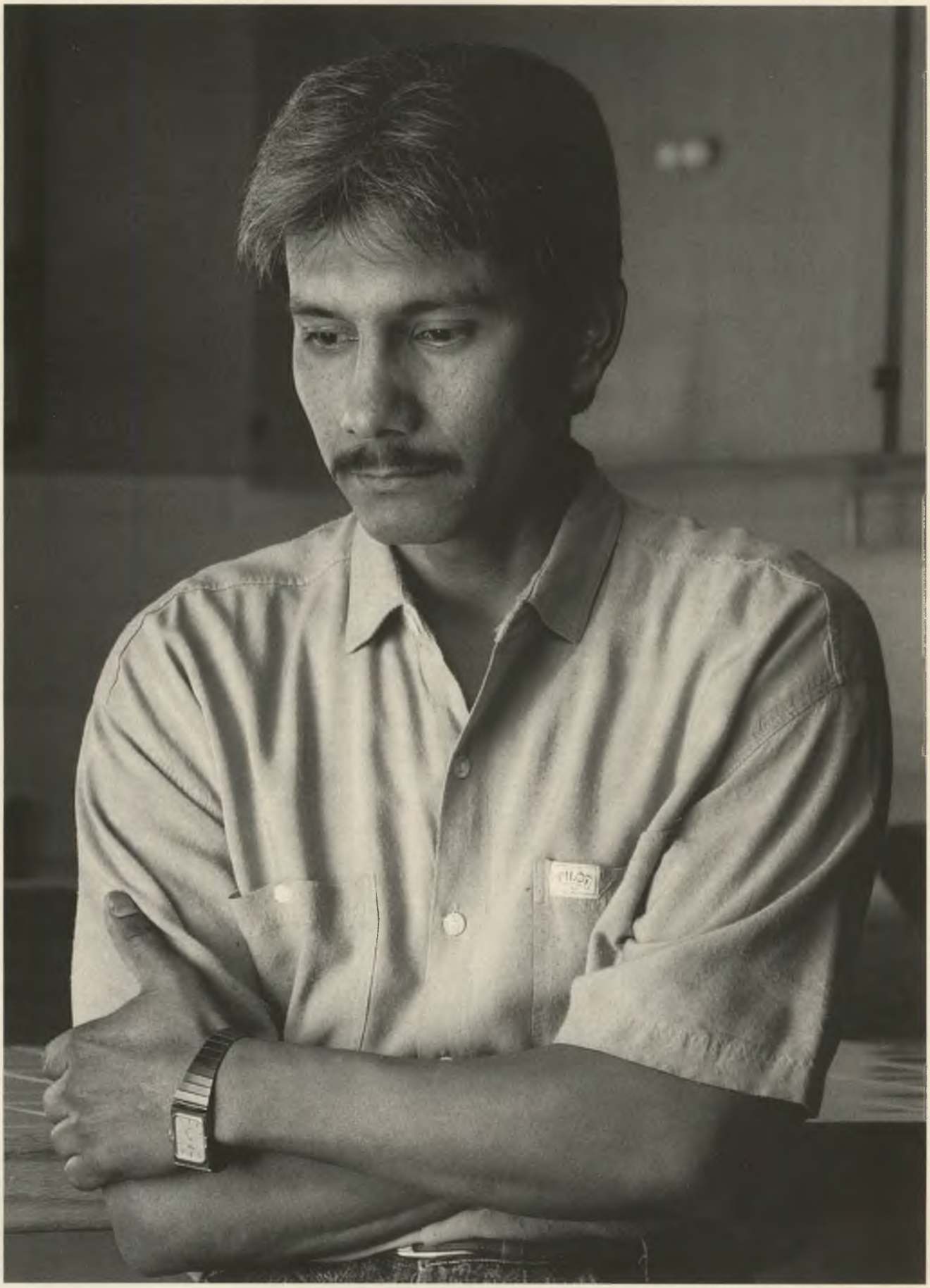


FOTO DE CRAIG DIMOND

Young University, 1978, p. 156.)

Às vezes, a melhor maneira de lidar com o estresse é simplesmente ser realista quanto ao que esperamos de nós mesmos e dos outros. Talvez estejamos tentando fazer muito mais do que podemos, no momento. Muitas vezes, ficamos irritados por não sermos perfeitos em tudo que tentamos fazer. A perfeição é nossa última esperança, mas no meio-tempo, devemos ser realistas e bondosos nas expectativas com respeito a nós mesmos e aos outros.

COMO LIDAR COM O ESTRESSE

Ser realista é um meio importante de lidar com as tensões que a vida nos impõe, mas existem ainda outras maneiras. Algumas das sugestões a seguir poderão ajudar-nos a lembrar-nos do que funciona, em relação a nós mesmos. Compartilhemos nossas idéias com a família.

Manter-se Espiritualmente em Forma. A oração e o estudo diário das escrituras nos permitem conservar abastecidos nossos reservatórios de fé, esperança e paz mental. Isto não só nos dá força espiritual, mas pode ajudar-nos a encontrar respostas para problemas particulares.

Livrar-se de Dívidas. Uma causa comum de conflito familiar é a tensão financeira. Os líderes da Igreja vêm recomendando consistentemente que orcemos nosso dinheiro e não incorramos em dívidas. Se gastarmos menos do que ganhamos, isto por si só reduzirá grande parte da tensão financeira a que muitos estão expostos.

Conservar-se Fisicamente em Forma. Para superar o estresse, nosso corpo precisa de descanso, exercício e uma alimentação equilibrada. Participar de um esporte que apreciemos é também uma excelente maneira de relaxar.

Estabelecer Prioridades e Metas. Se não conseguimos realizar tudo que gostaríamos, estabelecer prioridades nos permitirá fazer o que for mais importante. Precisamos estabelecer metas como indivíduos e famílias — metas diárias, semanais, mensais e de longo alcance — e planejar como alcançá-las, se quisermos progredir. O planejamento dá orientação e energia aos nossos esforços, e ajuda-nos a evitar crises resultantes da não previsão de necessidades e esquecimento de responsabilidades.

Mudar Hábitos e Rotinas. Alguns acham que levantar uma hora mais cedo lhes permite controlar melhor a vida e dá-lhes tempo ininterrupto para fazer muitas coisas que, de outra maneira, ficariam por fazer. Para outros, alguns momentos de sono trazem o necessário descanso.

Mudar o Ritmo. Uma mudança de ritmo pode proporcionar uma sensação de renovação e serenidade, para enfrentar uma vida agitada. Um breve interlúdio entre as belezas da natureza, uns poucos minutos de calma meditação, ler um bom livro, fazer qualquer coisa que nos dê prazer (inclusive nada) por um tempo — tudo isso pode ajudar, quando a pressão se intensifica.

Falar sobre as Frustrações. Ventilar seus problemas com pessoas da família não só alivia a tensão, mas também leva a família a tentar encontrar uma solução para o problema. Escrever no diário não só nos dá uma melhor visão, mas ajuda a aliviar tensões e lidar com as pressões do dia-a-dia. Os pais deverão ajudar os filhos a reconhecerem o valor de anotar o que sentem num diário ou caderno de anotações pessoais.

A mãe de uma família numerosa nos confidencia: "Meus cadernos de anotação e diários são inestimáveis. Certas pessoas se dispõem a pagar conselheiros profissionais para ouvirem o que lhes vai no coração. Para mim, escrever meus pensamentos tem sido uma fonte infalível de revelação sobre meu eu interior. Particularmente, quando me sinto estressada, desanimada ou deprimida por qualquer motivo, escrevo o que estou sentindo (muitas vezes uma simples lista de frases, enumerando meus sentimentos), e geralmente sou capaz de esclarecer o que é que me está perturbando. Assim, posso lidar com o problema mais eficazmente. Às vezes escrevo uma página inteira com minhas frustrações, antes de começar a ver o que realmente me incomoda. Passei a conhecer-me, intimamente, escrevendo."

Descontrair-se e Apreciar a Vida. Alguns simplesmente precisam descontrair-se mais e desfrutar a vida, os filhos, o relacionamento com o cônjuge e os amigos. Às vezes, esquecemo-nos que a capacidade de sentir alegria é uma das principais qualidades da Deidade (vide 3 Néfi 17:30), e que nossa experiência mortal se destina a nos proporcionar a plenitude da alegria. (Vide 2 Néfi 2:25; D&C 93:33.)

Não Se Esquecer do Bom Humor. Por mais séria que seja a vida, há muitos momentos que seriam

enriquecidos pelo senso de humor. Rir de vez em quando das inconsistências da vida reduzirá grandemente as tensões. O riso numa família é um maravilhoso lubrificante, capaz de aliviar a fricção do excesso de estresse.

COMO LIDAR COM O DESÂNIMO

Dentre os mais difíceis sentimentos que temos de enfrentar, estão o desânimo, desespero, depressão, culpa e ansiedade.

Disse o Presidente Ezra Taft Benson: "Vivemos num tempo em que, como o Senhor predisse, os corações dos homens falhariam, não só fisicamente, mas em espírito. (Vide D&C 45:26.) Muitos estão perdendo a coragem para a batalha da vida. O suicídio se apresenta como uma das maiores causas de morte entre estudantes universitários. À medida que se aproxima o acerto final entre o bem e o mal, com suas conseqüentes provações e amarguras, Satanás está se esforçando cada vez mais para vencer os santos com desespero, desencorajamento, desalento e depressão." ("Não Se Desespere", *A Liahona*, março de 1987, p. 2.)

Tais sentimentos negativos muitas vezes nos levam a evitar justamente as pessoas que poderiam ajudar-nos. Um problema vago e indefinido pode parecer insuperável, mas com um pouco de conversa e troca de idéias, geralmente pode ser resolvido. Incentivar os filhos a expressarem o que sentem, desde a mais tenra infância, dar-lhes-á forças contra essa devastadora sensação de impotência.

Infelizmente, até mesmo pais amorosos e comunicativos não podem ajudar certos filhos, cujos problemas se complicaram ou prolongaram demais. Essas crianças necessitam de assistência profissional. Para a maioria de nós, no entanto, não há necessidade de ajuda profissional. Os nossos problemas e os de nossos filhos podem fazer com que às vezes fiquemos desanimados e até deprimidos, mas tais sentimentos geralmente podem ser aliviados prosseguindo-se com a atividade diária de guardar os mandamentos: arrependendo-se, orando e jejuando, servindo, trabalhando bastante, conservando a saúde, lendo, perseverando, ouvindo música edificante, recorrendo a amigos e bênçãos do sacerdócio, para receber força e inspiração.

Como pais, a oportunidade de sermos mais cristãos poderá surgir quando familiares ou amigos passarem por problemas emocionais. O Élder Marvin J. Ashton aconselha aos que querem ajudar: "Certamente os maiores milagres de nossos dias são edificar e curar almas perturbadas. Devemos tomar nossos familiares pela mão e mostrar que nosso amor é real e constante." (Conferência Geral, outubro de 1973.)

O que o Élder Ashton sugere que pode ser feito de diversas maneiras.

Ouvi-los. Incentivá-los a expressar o que sentem. Garantir-lhes que não é anormal sentir-se perturbado, confuso e desapontado, de vez em quando.

Não os Julgar. Frases como: "Se ao menos..." ou "Eu lhe avisei que..." só fazem a pessoa sentir-se pior. Ajudá-los a perceber que não são culpados por acontecimentos fora de seu controle, e que não estão sendo punidos. Se forem responsáveis pelos seus problemas, ajudá-los a perdoar-se e a deixar o passado para trás, arrependendo-se.

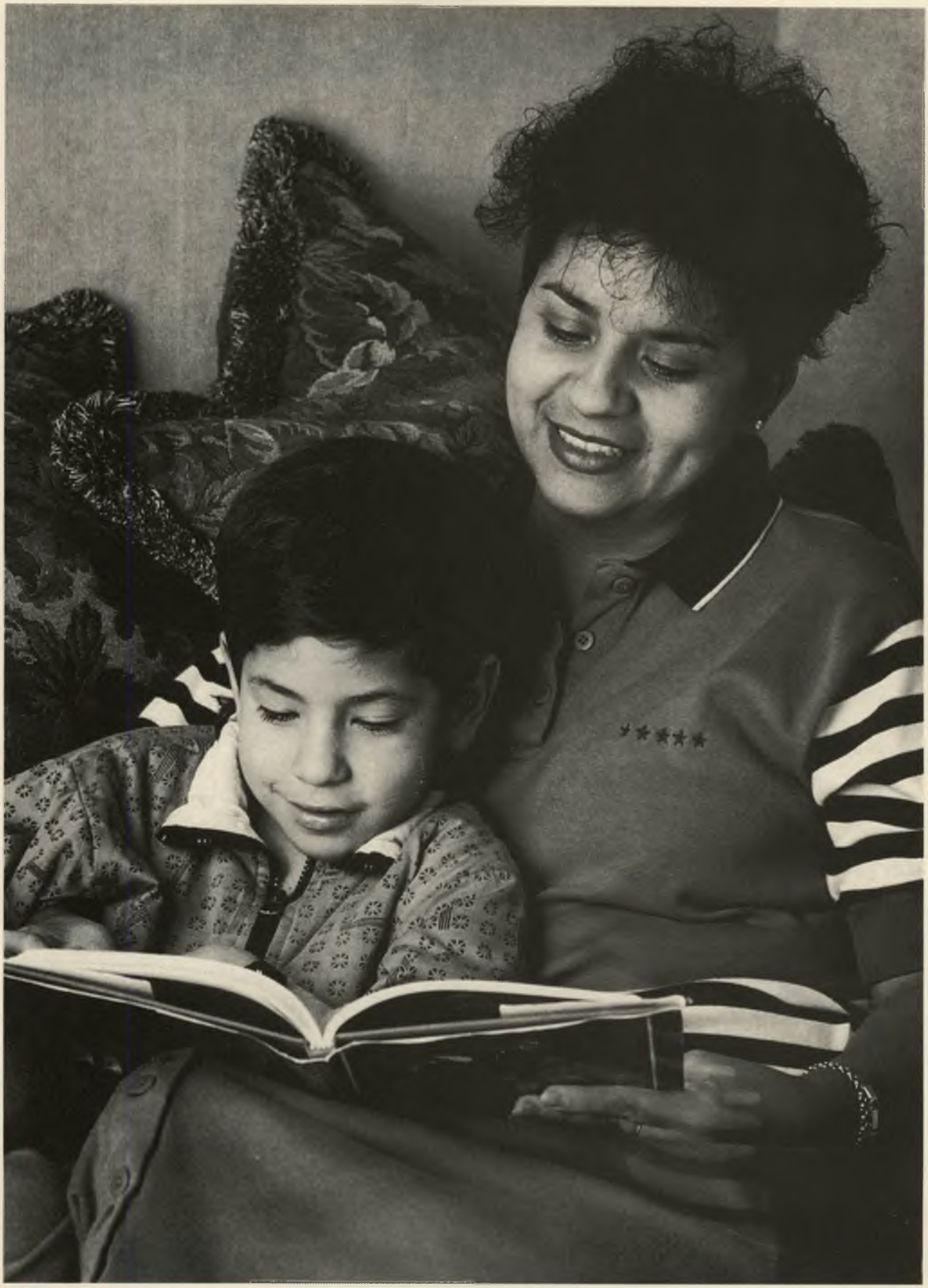
Ajudá-los a Ter uma Perspectiva Espiritual. Lembrar-lhes o propósito das provações na vida. Dar-lhes esperança. Orar juntos, suplicando ao Senhor, em voz alta, uma perspectiva eterna e o necessário entendimento do problema.

Passar Tempo com Eles. Estar disponível quando o filho ou o cônjuge sentir necessidade de discutir seus problemas e externar sentimentos. Às vezes, a simples proximidade, sem nenhuma distração, consegue acalmar um coração perturbado.

Envolver Outros, Se Necessário. Envolver pessoas capazes de ajudar. Incentivar os familiares a orarem juntos, trabalharem juntos, e apoiarem as pessoas em necessidade. Se precisar, recorrer a profissionais cujos valores sejam compatíveis com os nossos.

Amá-los Incondicionalmente. No fim e acima de tudo, nosso maior meio de apoio é amá-los sem dolo. Isto significa que aprendemos a vê-los como o Senhor os vê, pelo seu valor eterno como filhos de Deus. Como pais, precisamos aprender a fazer isso *particularmente* quando nossos filhos menos o merecem. Se conseguirmos isso, a despeito de todas as nossas fraquezas pessoais, podemos vencer qualquer coisa juntos.

O Evangelho de Jesus Cristo não promete eliminar o estresse, e ninguém deverá acreditar que o faça, mas dá sentido à oposição e resistência que encontramos nesta vida, e nos capacita a crescer "em sabedoria e estatura, e em graça para com Deus e os homens". (Lucas 2:52.) □



"Só Corte os Meus Cabelos!"

Jerry McKean

Era um dia quente de verão, e foi há muito tempo. Eu estava sentado ouvindo o clic, clic da tesoura do barbeiro, aguardando que terminasse, para eu poder sair dali. E não era só o calor que parecia opressivo. Meu barbeiro era uma espécie de missionário da Igreja Mórmon — "missionário de estaca", conforme me disse — fosse lá o que fosse. Ele já sentira minha atitude negativa para com sua igreja, em ocasiões anteriores.

"A que igreja o senhor pertence, mesmo?" Ali estava a pergunta, a forma sutil de me envolver numa conversa sobre religião. Instintivamente eu sabia o que seguiria e, da mesma forma instintiva, repliquei: "Só corte meus cabelos, nada de sermões!"

Os mórmons não me são desconhecidos. Nasci e me criei na Cidade do Lago Salgado, Utah. Eu ia às reuniões de escotismo numa das capelas locais. Meus melhores amigos eram mórmons, mas não ousavam mencionar-me a igreja. Suponho que era minha atitude. Certa vez, enquanto esperava o início da reunião de escotismo, perguntei ao meu amigo o que representava o grande quadro da parede. Há meses que eu vinha olhando para ele, ali sentado. Ele disse que era um anjo que mostrara as placas do Livro de Mórmon a certas pessoas.

Um anjo! Como podia meu melhor amigo acreditar numa coisa dessas? Na verdade, como poderia uma pessoa inteligente crer nisso? Ainda passariam anos antes do meu primeiro confronto real com a igreja mórmon.

Suponho que fosse inevitável. Eu estava visitando alguns amigos, quando duas mulheres — missionárias mórmons — bateram à porta. Elas mostraram-se amigáveis. Eu me sentia desconfortável, quase que como apanhado numa armadilha. Decidi discutir com elas.

"Crê na Bíblia?" perguntaram.

"Logicamente", repliquei, não sabendo bem no que realmente acreditava.

Elas começaram lendo Atos 7:55-56, procurando mostrar que a Trindade é composta de três seres. Depois passaram à história da primeira visão de Joseph Smith. Eu sabia que havia uma resposta para sua interpretação da Bíblia, mas precisava de ajuda para encontrá-la. Afinal, raciocinei, todos sabem que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são manifestações da mesma pessoa. Poderia trazer alguém que conhecia as escrituras melhor do que eu para conversar com elas? As missionárias asseguraram-me que sim.

Na semana seguinte, cheguei com um primo que era ativo na minha religião, tornando-me espectador da discussão que se seguiu. Se eu fosse imparcial, teria dado a vitória às missionárias mórmons, mas naturalmente decidi que meu primo simplesmente não tinha conhecimento suficiente. Encontraria alguém mais capacitado para enfrentá-las.

Durante a semana, procurei um amigo que estava estudando para tornar-se ministro. Ele poderia dar-me o apoio necessário.

"Como rebato Atos 7:55-56?" perguntei-lhe, depois de explicar minha situação. Para meu grande assombro, ele respondeu: "Sinto muito. Não posso ajudá-lo. Eu me inclino a separar mais a Trindade do que a maioria dos membros de nossa igreja."

Minha próxima fonte de informação foi um ministro que morava perto de mim. Éramos

"A que igreja o senhor pertence mesmo?" perguntou o barbeiro, ao que repliquei instintivamente: "Só corte meus cabelos e nada de sermões!"

amigos e havia conversado com ele muitas vezes. Sua resposta para Atos 7:55-56 foi menos satisfatória ainda: "Como sabemos o que uma pessoa pode ver, enquanto morre apedrejada?"

Decidi não me encontrar mais com as missionárias. Para mim bastava. Comuniquei-lhes minha decisão, e elas me presentearam com um Livro de Mórmon, decidindo que não havia mais nada que pudessem fazer para me interessar na Igreja.

Alguns anos mais tarde, e noutra cidade, dois missionários estavam visitando o apartamento vizinho. Fiquei contente por não me terem procurado. Estava justamente alegrando-me com minha boa sorte, quando bateram à porta e lá estavam eles. Antes de terem oportunidade de dizer muita coisa, informei-os de que não estava interessado e fechei a porta.

Durante os anos seguintes parecia haver missionários mórmons por toda parte. Até meu barbeiro estava tentando abordar-me! Diversas duplas de missionários me procuraram. Um pouco envergonhado do jeito como tratara aquela dupla anos antes, comecei a convidá-los a entrar, com a condição de que deixassem seus livros

no carro e não tentassem converter-me. Eu sempre me via constrangido quando eles apareciam e não permitia qualquer discussão sobre religião.

Como fazê-los partir sem ser extremamente grosseiro? Como? Então tive uma idéia. Lógico, por que não? Devia ser fácil. Bastava provar que estavam errados. Eu mostraria a essa gente que sua doutrina era falsa e o faria com suas próprias escrituras. Na próxima vez que viessem, eu estaria preparado.

Se eu queria provar que estavam errados, tinha que saber alguma coisa sobre suas crenças. Como descobrir no que criam? Aquele Livro de Mórmon que as duas missionárias me deram anos antes. Isso! Eu o guardara numa gaveta ou caixa. Não foi difícil achá-lo. Do que tratava? Da história de Joseph Smith? História do mormonismo? Eu não sabia. De uma coisa, porém, tinha certeza: na próxima vez que aparecessem, eu estaria preparado.

Levei o livro para o trabalho, onde tinha algum tempo livre durante o dia. Na primeira oportunidade abri o livro. Ora, não parecia tratar coisa alguma sobre Joseph Smith! Notei uma página da frente mostrando coisas interessantes: o Sermão da Montanha no continente americano, a descoberta de Colombo, o Salvador nas Américas. Em que me estava metendo?

Não encontrando nada sobre a história de Joseph Smith no livro, apanhei alguns livretos missionários no posto de gasolina, cujo proprietário era mórmon. Eu queria era saber coisas desse Joseph Smith. Li a respeito da Primeira Visão. De alguma forma parecia diferente do que eu ouvira a respeito, anos antes. Li sobre um anjo chamado Morôni e certas placas de ouro. Voltando ao Livro de Mórmon, comecei a lê-lo nas horas de folga.

Algo estranho começou a acontecer. Minha hostilidade começou a desaparecer. Na verdade, o desejo de provar que os missionários estavam errados desapareceu. Minha breve curiosidade, ao abrir primeiramente o livro, foi substituída pelo desejo de saber. Que poder estranho era esse que parecia literalmente me atrair para esse livro? O que estava acontecendo comigo? Eu tinha de saber.

Vi-me gastando todos os momentos de folga pesquisando o Livro de Mórmon. Encontrei mais uma coisa: uma promessa feita por um profeta chamado Môroni — a ousada declaração de que poderia conhecer a veracidade do livro pedindo a Deus que ma revelasse. Sozinho um dia, prostrei-me diante do Criador e, segurando o Livro de Mórmon nas mãos, perguntei ao Pai Celestial o que era que me atraía tanto para o livro. Imediatamente — quase antes de terminar minha prece — fui engolfado pela lembrança de meus antigos hábitos e hostilidades. Implorei perdão, não tendo reconhecido meu estado miserável até então.

Os dias seguintes foram mais ou menos a mesma coisa — eu tentando lidar com o desejo assoberbante de imergir no estudo do Livro de Mórmon. Então aconteceu. Era uma quinta-feira à noite, antes da conferência geral da Igreja, em outubro. Cheguei em casa do trabalho com uma sensação crescente dentro de mim — uma sensação nunca sentida antes. Não sabia o que pensar daquilo. E foi crescendo devagar em intensidade.

"Faça-me um corte especial. Eu vou filiar-me à Igreja." De boca aberta, o barbeiro perguntou: "*Que* igreja?"

Que sensação maravilhosa! Lembro-me de ter pensado: "Se é assim que a gente se sente no céu, gostaria de ter noventa e nove anos e estar prestes a morrer."

Então recebi o testemunho — aquela certeza dos missionários que tanto me perturbara no passado. Eu *sabia*! Joseph Smith realmente *esteve* na presença do Pai e do Filho. Na verdade, foi visitado por anjos. Eu sabia. Sim, sem dúvida, eu sabia.

A semana seguinte foi engraçada. Fui correndo procurar meu barbeiro. "Faça-me um corte especial. Eu vou filiar-me à Igreja." De boca aberta, não conseguiu falar por algum tempo. Quando se recompôs, sua resposta foi, com toda seriedade: "*Que* igreja?"

Então, conversando com ele, soube que ele seria meu primeiro bispo depois do batismo. Para nossa mútua surpresa e alegria, verificamos que já nos encontráramos, dois anos antes, quando ele servia na missão da estaca e uma pessoa grosseira lhe dera com a porta na cara, deixando-o de pé na entrada. □

Jerry McKean, de Ogden, Utah, é missionário de estaca da Estaca Washington Terrace Utah.

Os Santos de Tonga

Um Legado de Fé

Eric B. Shumway

Os antigos missionários SUD em Tonga provavelmente chamariam a celebração do centenário da Igreja ali, em agosto de 1991, de milagre. Com o coração pesado, eles fecharam a parte de Tonga da missão de Samoa, em 1897 — exatamente cinco anos e nove meses depois de ela ser aberta pelos élderes Brigham Smoot e Alva Butler.

De 1891 a 1897, aproximadamente vinte missionários haviam labutado no Arquipélago de Tonga, tendo batizado apenas quinze pessoas. Em Tonga existia uma

***Acima*: Em julho de 1891, em seu primeiro dia em Tonga, os élderes Smoot e Butler visitaram o rei George I e receberam permissão para pregar no país. *À Direita*: Hoje, alguns élderes tonganeses usam o tradicional *tupenu* e *ta'ovalas* com gravata e camisa branca.**

ILUSTRADO POR CLARK KELLEY PRICE

FOTO DE WILLIAM FLOYD HOCKMAN

forte tradição cristã, devido ao empenho de missionários protestantes (vide artigo correspondente), mas as obrigações que os nativos de Tonga sentiam para com o rei e sua religião — e para com os ministros das aldeias que mantinham vigilância sobre seu rebanho — faziam com que a maioria mantivesse distância dos santos dos últimos dias americanos.

A missão reabriu em 1907, a princípio crescendo gradualmente, para depois desabrochar numa forte congregação de santos. Mais de trinta mil membros, dez estacas, noventa capelas, uma dúzia de escolas de nível médio, duas escolas secundárias e um templo atestam o milagre tão visível em Tonga hoje, e onde quer que vivam santos tonganeses.

Por que a Igreja se tornou uma presença tão respeitável em Tonga hoje — não só em termos numéricos, mas também quanto à atividade e devoção dos membros? O que transformou a difícil e morosa missão de Tonga em uma das de mais rápido crescimento no mundo?

A resposta está na história pessoal e testemunho vivo dos próprios membros. Suas histórias revelam um traço comum responsável por grande parte do crescimento da Igreja em Tonga — profunda fé religiosa: fé para enfrentar os piores elementos da natureza na realização da obra do Senhor; fé para vencer hábitos e preconceitos pessoais; fé para confiar que o Senhor responde às orações.

JOGUE O BEBÊ

Enfrentar a inclemência da natureza, a fim de realizar a obra do Senhor, é um tema comum de muitas histórias de fé tonganeses. Confiando em Deus em viagens difíceis e tormentas no mar, os santos tonganeses têm sido abençoados com coragem para fazerem coisas extraordinárias.

Sela Feinga, que atualmente trabalha no Centro Cultural Polinésio em Laie, Havaí, lembra-se de quando ela e o marido, Ha'unga, aceitaram o chamado missionário, em 1965, para construir igrejas em várias ilhas de Tonga. Levando a filhinha de cinco meses, que estava com febre alta, os Feingas viajaram para a remota ilha de Fotuha'a, uma ilhota de altos penhascos rodeada por mar bravo.

Os viajantes com destino a Fotuha'a transferiram-se do barco a motor para uma canoa a remos, e depois nadavam para a saliência de um rochedo que se projetava para águas profundas. Os que não sabiam nadar eram obrigados a saltar para os braços estendidos dos ilhéus, que ali se postavam para apanhar a carga lançada da canoa. Tais desembarques eram muito perigosos, uma vez que sua execução requeria perfeita sincronia com as ondas que se elevavam à altura da saliência rochosa, para depois cair de quatro a seis metros. A irmã Feinga descobriu que tal viagem exigia um literal salto de fé:

Na manhã de nossa partida, a febre do bebê continuava elevada. Pequenas pústulas começaram a irromper e cobri-lo da cabeça aos pés. Estava com sarampo. Não houve nada porém, que demovesse meu marido. Enrolei nossa filha num cobertor e subi para o pequeno barco aberto, que nos levaria para Fotuha'a.

***Extrema esquerda*: O Templo Nuku'alofa de Tonga, dedicado em agosto de 1983.**
***Esquerda*: Para Sela Feinga e o marido, Ha'unga, o chamado para a missão significou uma separação breve, mas traumática, de seu bebê. (Vide "Jogue o Bebê", abaixo.)**
***Direita*: Mais e mais missionários nativos, como estes jovens, estão levando o evangelho a seus compatriotas.**

FOTO DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN

Ao nos aproximarmos da ilha, formidáveis penhascos e costas rochosas se elevavam diante de nós. As ondas à nossa volta eram enormes. Alguns dos cidadãos da ilha já haviam começado a congregar-se na saliência rochosa, esperando receber os viajantes e sua bagagem.

A canoa aproximou-se para nos apanhar, um barquinho remado por um jovem professor da ilha. Quando chegamos perto da rocha, ele disse: "Contaremos as ondas, e quando chegar uma suficientemente alta para nos levantar ao nível da saliência, vocês devem saltar ou jogar seus pertences para as pessoas que ali estão."

Eu estava quase inerte de medo, debaixo da chuva, enquanto nos aproximávamos do perigoso embarcadouro. Então o professor gritou para meu marido: "Prepare o bebê! Eles darão ordens para ela primeiro!"

A ordem para meu marido foi dada quase instantaneamente pelo homem na saliência: "Hei, a pessoa com o bebê! Tire o cobertor e toda a roupa da criança."

"Como assim?" gritei. "O bebê está com sarampo. Não podemos tirar-lhe a roupa."

Nosso remador falou energicamente com Ha'unga: "Tem que despi-la toda, porque terá de jogar o bebê para eles. Não pode arriscar que o homem o deixe cair nas pedras ou no mar porque o cobertor ou as roupas atrapalhariam."

Veio nova ordem da saliência: "Ande logo, tire as roupas do bebê. "Meu marido, porém, simplesmente não conseguiu. Talvez estivesse tão aterrorizado quanto eu.

O jovem professor arrancou o bebê dos braços de Ha'unga e, num segundo, deixou-o nu, exceto pelas fraldas. Chegou uma onda e ergueu a canoa, mas não o suficiente. Lá fomos para baixo quando o mar retrocedeu e novamente para o alto com outra onda. Ainda baixa demais.

Quando subimos com a onda seguinte, ouvi o comando: "Jogue o bebê!"

Gritei, segurando o estômago. Não conseguia olhar, mas as palavras seguintes foram de meu marido: "Não se aflija. O bebê está seguro."

A irmã Feinga, contudo, teve pouco tempo para sentir-se grata, pois era a sua vez de saltar. Histérica de tanto medo, ela "perdeu" a onda certa quatro vezes, antes de o homem em terra gritar: "Mulher, quer seu bebê novamente ou não?" Com uma prece nos lábios, ela saltou para a segurança.

Taukolo Langi também fez uma viagem que exigiu muita fé, enquanto cumpria missão com Temalisi, sua esposa, em Ha'apai. Solicitados a estender sua missão, para servir como presidente de ramo em Felemea, o casal começou a dedicar-se aos santos menos ativos de lá.

Certo sábado em 1958, o irmão Langi e Taniela, seu filho de cinco anos, não conseguiram voltar para as reuniões de domingo em Felemea depois de comparecerem às reuniões de distrito em Pangai. Embora a maré baixa lhes permitisse atravessar o recife até Uoleva, Sione Moala Havili, seu amigo, desencorajou-os de tentarem cruzar o canal para Felemea. O mar estava tão bravo que nenhuma embarcação estava indo ou vindo. O irmão Langi, porém, tinha uma única coisa em mente: voltar para presidir os serviços dominicais em Felemea e rever sua esposa, que estava grávida de oito meses, esperando o segundo filho:

AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO DE VIRGIL TUPOU KONGAIKA

Eu estava decidido a tentar a travessia, sentindo que, uma vez que estávamos a serviço do Senhor, seríamos protegidos. Pedi a Taniela que se ajoelhasse comigo ao lado da canoa de Sione Moala, para pedir ao Pai Celestial que abençoasse nossa travessia. Proferimos a prece enquanto ondas enormes se precipitavam na praia.

Saí para o mar com o pequeno Taniela sentado bem perto de mim. Embora minha fé fosse forte, não esperava uma travessia tranqüila por aquelas águas tão revoltas de Tonga, particularmente numa canoa tão pequena e baixa.

Foi como se deslizássemos sobre uma superfície calma. Mal nos molhamos. Nem precisamos baldear água. Chegamos facilmente à praia, atravessando a rebentação, e fomos cobertos de perguntas pelas pessoas assombradas com nosso aparecimento. Havia três dias que ninguém deixara as praias de Felemea, por causa do mar revolto. Senti profunda gratidão pela óbvia bênção do Senhor.

Os santos de Tonga testificam que a fé na proteção do Senhor contra as forças da natureza tem salvo não só a eles mas também como no caso de Tevita Taimani, aqueles que tentaram ajudar.

O irmão Taimani estava levando uma enferma para o hospital em Ha'afeva, a bordo de um barco com motor de quinze cavalos, em meio a terrível temporal e ondas elevadas. Sem que ele notasse, uma onda arrancara o tanque de combustível, levando consigo a mangueira que o ligava ao motor.

Mal posso acreditar que quando dei partida no motor, depois de embarcada a paciente, eu não tivesse notado a falta do tanque e da mangueira, mas o barco partiu e abrimos caminho através do canal, com o motor resfolegando no mar grosso, mas sem falhar. Tivesse parado, estaríamos numa situação desastrosa — sendo arrastados para o mar aberto e lançados violentamente contra algum recife.

Só quando ancoramos em Ha'afeva foi que descobri a falta do tanque de combustível e que atravessáramos as águas revoltas sem nada alimentando nosso pequeno motor de popa. Isto é seguramente um exemplo de como estamos protegidos quando servimos ao Senhor.

FÉ PARA MUDAR

O legado de fé dos santos de Tonga estende-se também a milagres mais sutis — tal como o milagre de superar hábitos e preconceitos e, com fé, modificar-se.

Lu'isa Palauni Kongaika descreve seu marido, Viliami, como uma "pessoa boa e otimista", e a si mesma, no passado, como "teimosa e combativa, tendendo a ser dominadora".

Durante a missão de proselitismo do casal, em 1946, a irmã Kongaika teve um sonho que a afetou profundamente. Em virtude disso, ela entendeu que "meu hábito de brigar e discutir tornara-se um fardo, tanto para meu marido como para nosso trabalho missionário".

No sonho, o presidente Emile C. Dunn, da Missão de Tonga procurou-me dizendo que queria que eu o acompanhasse com sua esposa e filha a uma conferência especial, onde o próprio Senhor estaria presente. Felizmente fui com eles. Chegando ao local, vi uma grande e alta pedra em forma de porta. Informaram-me que Cristo estava atrás daquela porta, e que

***Extrema esquerda*: A vida de Lu'isa Palauni Kongaika foi profundamente afetada por um sonho. (Vide "Fé para Mudar", abaixo.)**
***Esquerda*: Como inúmeros membros da Igreja em todo o mundo, os santos de Tonga plantam seus próprios alimentos, cultivando hortaliças, raízes e frutas.**

veria cada um de nós numa entrevista pessoal.

Chegando a minha vez, fui feliz e confiante para a entrevista, mas o Salvador me olhou severamente e disse: "ó mulher de má língua, não quero ver-te. Tu falas palavras tão feias para teu marido! Sejam quais forem tuas outras boas qualidades, tuas constantes implicâncias e zombarias são uma desgraça. Sai da minha presença."

Chorei e implorei, até que fiquei sozinha com minha desgraça. Acordei com meus soluços e imediatamente pedi perdão ao meu marido. Eu fora uma peste, uma briguenta e havia tirado vantagem de sua índole afável, mas agora lhe pedia perdão.

Desde aquele momento até hoje, tenho sido diferente com meu marido, sentindo muito mais amor por ele e sendo positiva e colaboradora.

Sione `Oleli Piutau Tupou também descobriu que jornadas pessoais e espirituais exigem tanta fé quanto as físicas. Criado na Igreja por pais que ele considera "baluartes", ele afastou-se depois da morte deles, passando a freqüentar outra denominação cristã, mas em 1984, depois de quarenta e seis anos, ele soube que passariam um filme antimórmon na aldeia.

No dia e hora aprazados, encontrava-me no clube comunitário, vendo o povo chegar para assistir ao filme; sentia-me desgostoso e deprimido, porque uma igreja com tanta coisa boa seria atacada publicamente.

Estando assim deprimido, de repente senti a presença de meus pais que estavam mortos havia tantos anos. Comecei a chorar, incapaz de controlar as lágrimas, e surpreendi meus companheiros levantando-me e indo para casa.

Foi uma noite insone e horrível para mim; e a manhã seguinte foi pior ainda. Eu sabia que necessitava de ajuda divina para escapar das trevas que me envolviam, e iniciei um jejum no qual implorei ao Pai Celeste que me socorresse.

Ao terminar o jejum, senti uma indescritível alegria e alívio; o Pai Celestial incutiu-me no coração a admoestação e coragem para voltar para sua igreja, minha igreja, a igreja de meus pais.

No domingo enverguei minhas melhores roupas e fui à capela. Os santos ficaram tão surpresos em me ver, quanto meus antigos companheiros de igreja haviam ficado amargurados em me ver partir. Nunca mais perdi uma reunião da Igreja. Minha família recebeu muitas bênçãos, desde que me "reconverti". Muitas vezes fico refletindo nas estranhas circunstâncias que me levaram a ponderar seriamente a Igreja, que me fizeram sentir a proximidade de meus pais falecidos, e que me deram o ímpeto para buscar o testemunho da verdade, por meio de jejum e oração.

O SENHOR PROVERÁ

Outro elemento importante no legado da fé em Tonga, é a confiança em que Deus proverá — seja o sustento físico ou ajuda numa emergência.

Quando Saia Paongo cumpriu missão em 1964, ele ficou encarregado de seis missionários residentes na remota ilha de Niua Toputapu. Muitas vezes eles não sabiam de onde viria sua próxima refeição. Certo dia, visitaram, pregando nas casas de Falehau, enquanto jejuavam, mas depois não tinham alimento para quebrar

Taukolo Langi e o filho, Taniela, buscaram a proteção do Senhor para poderem retornar a sua ilha, cruzando um braço de mar extremamente revolto. Enquanto ondas enormes rebentavam na praia, eles encontraram paz e força na oração.

o jejum. Saindo de sua cabana, Élder Paongo teve uma forte impressão:

Era como se alguém me dissesse: "Leve seus missionários para a praia no lado de lá da ilha." Pedi ao meu companheiro que pegasse os apetrechos de pesca e fomos todos para a costa rochosa de Niua Toputapu.

Infelizmente, a maré já estava cheia quando lá chegamos. Não havia meios de apanhar peixes com lança no recife. Desapontados, sentamo-nos para descansar, exceto o élder Fonua, que foi caminhando ao longo da praia.

De repente, o élder Fonua nos chamou. Fomos correndo para perto dele e lá tivemos uma visão maravilhosa: um grande e gordo peixe menenga ou bodião de águas profundas, que quase se lançara à praia sozinho. Por incrível que pareça, ele nadara diretamente para a areia. Com quase um metro de comprimento e trinta centímetros de grossura, foi um verdadeiro festim para nós.

Eu sei que esse peixe foi preparado para nós e que o Pai Celestial ama os jovens missionários famintos, mesmo que estejam numa ilhota distante.

O Dr. Salesi Havili teve sua fervorosa oração respondida na sala de operações do Hospital Vava'u. Ele e sua mulher haviam-se filiado à Igreja um ano antes, em 1977, e se estavam preparando para ir ao templo. Ele descobriu, porém, que uma experiência, durante uma cirurgia foi a prova de fé de que necessitava antes de dar esse passo.

Dentro das limitações do hospital local, dois cirurgiões e o Dr. Havili, o anestesista, começaram a operar Mafi Vakaloa, um senhor de certa idade. Quando a enfermeira sussurrou ao Dr. Havili que não sentia mais

AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO DE WILLIAM FOYD HOLDMAN

o pulso de Mafi, ele descobriu que o paciente falecera na mesa de operação. Em pânico, verificou e reviu todo seu aparelhamento, tentando descobrir o que saíra errado. Finalmente se pôs a orar:

A princípio foi uma prece desesperada e superficial. Afinal, eu sabia cientificamente que Mafi estava morto. E pelas limitações de meu conhecimento e ambiente, eu havia exaurido meus recursos pessoais na tentativa de revivê-lo.

Orei uma segunda e uma terceira vez. Culpa e dúvida dominavam meus sentimentos. Embora eu pedisse ao Pai Celeste que restabelecesse os batimentos cardíacos de Mafi, pela medicina, eu tinha consciência de que ele estava morto. Eu temia ter causado sua morte, mas à medida que orava, tive a sensação de que a vida de Mafi dependia da sinceridade de minha prece e da profundidade de minha crença — que esta crise era para provar minha fé, quase às vésperas de eu ir ao templo.

Dezoito minutos haviam decorrido desde que o coração de Mafi cessara de pulsar. Orei mais fervorosamente, arrazoando com o Senhor e prometendo-lhe uma total concentração de minha vida nele, se revivesse aquele homem.

Finalmente, inclinei a cabeça novamente e orei com fervor e intensidade maiores que nas orações anteriores. Falando com o Senhor, suprimi qualquer fragmento de dúvida e orei até que soube, ao abrir os olhos, que o coração de Mafi voltaria a pulsar.

E milagrosamente foi assim. O coração de Mafi retomou seu ritmo, após vinte e cinco minutos de parada total. Fui subjugado pela alegria e pelo assombro. Ao fazer a ronda pelas diferentes enfermarias do hospital, fiquei comovido vendo a esposa de Mafi sentada à borda da cama do marido. Mafi estava bem alerta, consciente e — vivo.

LEGADO DE FÉ

Quando Enoch LaVell Manwaring serviu como missionário construtor em Tonga em 1957, ele levou alguns missionários construtores para a ilha de 'Uiha, a fim de erguerem uma capela. Uma pequena senhora de idade, chamada Vaikato, insistiu em ajudar na construção, embora constasse ter ela mais de cem anos de idade. Os missionários tentaram persuadi-la a não carregar tijolos pesados e levantar baldes, mas ela se recusava a deixar de ajudá-los. À medida que prosseguia a obra, alguns missionários de construção tonganeses procuraram o irmão Manwaring e perguntaram-lhe se ele conversara com Vaikato sobre os planos da construção. Ele disse que não e ficou surpreso quando lhe contaram que Vaikato já sabia como seria a capela:

Os homens contaram-me que ela dizia a todos os obreiros exatamente onde ficariam as salas de aula, onde se situaria o púlpito, e exatamente como seria a capela depois de pronta. Era inacreditável o que ela sabia.

Soube por um intérprete, que vinte anos antes do início do programa de construção nas ilhas do Pacífico Sul, ela recebera uma bênção do Élder George Albert Smith, que estava visitando o arquipélago de Tonga. Na bênção, ele lhe disse que se fosse fiel, viveria para ver uma linda capela ser erigida na ilha — e ela a visualizou perfeitamente enquanto ele falava.

***Extrema esquerda*: Uma típica capela SUD em Tonga. *Esquerda*: Os antigos missionários da Igreja ficariam satisfeitos vendo a dedicação dos missionários atuais, preparando-se para ensinar o evangelho. *Direita*: J.E. e Emma Giles (sentada) posaram para esta foto de 1895, com os quatro filhos e três missionários (de pé).**

Certamente, os primeiros missionários SUD que desembarcaram em Tonga, há cem anos, devem ter tido visões também. Seus humildes esforços, comemorados este ano na celebração do centenário, acabaram pavimentando o caminho para uma vibrante e florescente congregação. Um símbolo desse crescimento é o belo templo em Nuku'alofa — um monumento apropriado à fé tão evidente na vida dos santos de Tonga. □

Eric B. Shumway é vice-presidente acadêmico na Universidade Brigham Young-Havaí. Estas histórias foram extraídas de seu livro Tongan Saints, Legacy of Faith, *publicado pelo Instituto de Estudos Polinésios da universidade, em comemoração do centenário da Igreja em Tonga.*

Legado de Tonga: Um Fundamento Cristão

Qualquer celebração do crescimento e da eminência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Tonga hoje deve reconhecer o esforço de homens e mulheres que ajudaram a levar o cristianismo para as ilhas de Tonga. Embora não soubessem coisa alguma a respeito da restauração, os missionários cristãos, especialmente os metodistas, foram os *kau fakamelomelo* (aqueles que vieram antes, para preparar o caminho). Eles ensinaram a oração, traduziram a Bíblia e organizaram escolas e congregações para o povo de Tonga.

Missionários protestantes *palangi* (brancos) trabalhavam com missionários tonganeses, mas tinham dificuldade em vencer a lealdade do povo para com seus chefes. A enorme transformação ocorreu quando o Chefe Taufa'ahau foi batizado cristão em 1831, e iniciou uma vigorosa campanha contra a velha religião indígena.

Taufa'ahau adotou o nome cristão de George, aprendeu a ler e escrever perfeitamente, e serviu como pregador regular da igreja metodista. Homem inteligente, com presença imponente, ele foi uma força vigorosa na igreja. Quando se tornou *Tu'i Kanokupolu* — rei de toda Tonga — em 1845, ele enfraqueceu grandemente as alianças não-cristãs, até que cessassem de ser uma ameaça.

O metodismo continuou sendo a religião nacional até 4 de janeiro de 1885, quando o rei George instituiu a Igreja Livre de Tonga. Embora ainda seguisse o rito e doutrina da igreja de Wesley, era independente em sua organização. As conseqüências sociais, religiosas e políticas dessa cisão criaram um ambiente de confusão, intolerância religiosa e persistente ressentimento.

Foi nessas condições que chegaram a Tonga os dois primeiros missionários SUD, Brigham Smoot e Alva Butler, a bordo do *S.S. Wainui*, em 15 de julho de 1891. Nessa época o povo desejava *melino mo fe'ofo'ofani* (paz e harmonia) e a sociedade inteira não queria nenhuma desarmonia, mudança ou novas religiões.

Embora desavenças religiosas da época fizessem a missão ser fechada, os santos dos últimos dias retornaram quando a controvérsia amainou, construindo sobre o trabalho dos *kau fakamelomelo* e levando muitos que já conheciam Cristo, à plenitude do evangelho. □

NUNCA SE É VELHO DEMAIS

Stephen K. Christiansen

Ele é forte, saudável, cheio de vida. Ainda trabalha todos os dias. Ama o evangelho. É um missionário incansável e tem noventa e um anos de idade. O exemplo de Lázaro Lúcio Rivera del Carpio Marroquin mostra que não importa qual seja a idade, nunca se é velho demais para viver o Evangelho de Jesus Cristo.

O irmão Rivera nasceu em 17 de dezembro de 1899, em Arequipa, Peru. Radicou-se em Cuzco, uma cidade a seiscentos quilômetros a sudeste de Lima, localizada nos picos dos Andes. Foi lá que ele conheceu os missionários. A história de sua conversão e subseqüente dedicação à Igreja mostra a fé e as boas obras que caracterizam esse pioneiro peruano da Igreja.

"Como Joseph Smith e tantos outros, eu estava em busca da verdade em todas as seitas religiosas", diz o irmão Rivera, "mas nunca me filiei a alguma delas." Sua busca chegou ao fim quando tinha sessenta e sete anos de idade.

"Eu estava em minha loja, trabalhando", diz ele. "Era um domingo. Meu filho Héctor apareceu e disse: 'Pai, sei que pesquisou muitas igrejas, mas existe uma nova na cidade.'

Ao que lhe respondi: 'Não importa, são todas iguais.'

'Vamos lá', insistiu Héctor. 'Esta poderá ser a que está procurando.'

Talvez o Espírito do Senhor estivesse comigo, induzindo-me a ir. Assim, pus o chapéu e fui com Héctor ao local de reuniões. Ali encontramos dois élderes. Saudei-os e eles nos cumprimentaram. As nove e trinta ou dez horas da manhã a reunião começou, e fiquei até o meio-dia. A princípio não entendi grande coisa do que ouvi, por estar mais acostumado aos costumes religiosos nos quais me criara. Na segunda visita, uma semana depois, dei-me conta de que encontrara a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, particularmente quando os élderes falaram da Palavra de Sabedoria."

Agora, vinte e quatro anos mais tarde, o irmão Rivera ainda dá muito crédito à Palavra de Sabedoria pela sua boa saúde e energia de vida.

"Após o batismo, algo mudou dentro de mim", diz ele. "É o meu segredo por viver tanto tempo."

"Desde que me lembro" diz o filho Héctor, "nunca vi meu pai violar a Palavra de Sabedoria. Estou convencido de que por isso ele é tão forte e abençoado pelo Senhor."

Os missionários que o irmão Rivera conheceu em 1967 foram os primeiros designados para Cuzco — embora a obra missionária tenha tido início no Peru em 1956 — e ele foi um dos primeiros conversos dessa cidade. Desde o contato inicial com os missionários, o irmão Rivera sempre adorou a obra missionária, e seu entusiasmo é evidente quando ele fala a respeito.

"Sou um santo dos últimos dias, por isso onde quer que esteja, falo do evangelho", diz ele. "Não desperdiço tempo. Digo aos amigos: 'Se querem que a vida lhes vá melhor, ou resolver certos problemas, eu tenho a resposta: Venham para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Venham às reuniões e depois os

missionários os instruirão e prepararão para o batismo. Então serão felizes.' Não me canso de falar do evangelho. Poderia falar dia e noite sobre ele."

Ele não só *fala* da obra missionária, como a *faz*. Na sua loja em Cuzco, existe um cartaz convidando os fregueses a pedir visitas missionárias. Tem ajudado familiares e amigos a se filiarem à Igreja e edificarem seu testemunho.

"Minha sina é ser como Pedro, um pescador de homens", diz ele.

A vida dele em Cuzco representa uma mescla singular do Velho e do Novo Mundo na América do Sul. Ele é descendente direto de Nicolas de Rivera Viejo, um chefe espanhol que veio para o Novo Mundo com Francisco Pizarro, o conquistador do século dezesseis. A cidade de Cuzco era o sítio da capital inca, muito antes dos espanhóis chegarem.

Hoje, o irmão Rivera lança mão de antiqüíssimas técnicas para criar finas peças de joalheria. Sua técnica e atenção a detalhes têm atraído interessados de todo o mundo, inclusive astros de cinema locais e internacionais. Mesmo tendo recebido ofertas de emprego de muitas partes, ele permanece em Cuzco, porque acha que ali é que é necessário.

Pouco depois do batismo, o irmão Rivera foi chamado como presidente do ramo de Cuzco. Nessa posição, foi instrumento para a bênção da vida dos outros membros. Ele recorda um desses casos. "Um membro recém-batizado, Pablo Concha, era um engenheiro desempregado que decidiu procurar trabalho em Lima. Antes de partir, disse-lhe: 'O senhor ficará em Lima não mais que quinze dias'. Quando voltar, terá não só *um* emprego, mas *dois*. "Ao voltar para casa duas semanas depois, o irmão Concha havia sido nomeado professor de geologia na Universidade de Lima e presidente do Departamento de Registro de Terras e Minas do governo."

O irmão Rivera diz que o Senhor lhe pôs as palavras na boca. "O Senhor induz seus membros a dizerem o que ele quer que digam."

Héctor Rivera diz que a fé do pai tem sido sempre inspiradora. "Mesmo que o céu desabasse, ele não deixava de ir às reuniões da Igreja aos domingos. Desde que se filiou à Igreja, nunca vi meu pai cumprir seus chamados *correndo*." O irmão Rivera é sumo sacerdote e atualmente diretor de história da família da estaca.

Outra característica do irmão Rivera é seu amor às escrituras, e à Palavra de Sabedoria. É às escrituras que ele atribui sua grande vitalidade e energia de vida. "Leio as escrituras todos os dias", diz ele. "Mesmo com idade avançada, tenho muito que aprender por isso continuo a estudar, a envolver-me no evangelho de Jesus Cristo. Quero ser um pouco melhor a cada dia."

Héctor diz que vê o pai lendo as escrituras constantemente. "Pela manhã, ao acordar, encontro-o lendo o Livro de Mórmon, a *Liahona* e outros livros da Igreja. Vejo-o novamente em seu quarto, lendo as mesmas coisas. Ao ver isso fico maravilhado. Vendo o quanto ele amava as escrituras, comecei a ler o Livro de Mórmon."

As escrituras têm ajudado o irmão Rivera a permanecer tão jovem interiormente quanto age externamente. Na verdade, uma de suas escrituras prediletas recomenda-lhe: "Aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!" (Alma 37:35.)

"Que maravilhosas palavras!" diz ele. "Elas nos dão um exemplo de como devemos seguir a senda da retidão."

A despeito do trabalho árduo e de sua motivação, o irmão Rivera reconhece a verdadeira fonte de suas bênçãos. "Muitos admiram minha idade avançada, mas é Deus quem me dá vida", diz ele. "Sem ele, nada somos."

Como se sente o irmão Rivera por viver o evangelho?

"Sou muito feliz, mais feliz do que se tivesse todo o ouro do mundo. É nisto que se resume a vida — servir a Deus, servir ao próximo. O evangelho é maravilhoso." □

"Acalmando a Tempestade", de Ted Henninger

"Eis que no mar se levantou uma tempestade, tão grande... E os seus discípulos... o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança." (Mateus 8:24-26.)

Estes missionários SUD de Tonga estão fundamentando seu trabalho em cem anos de obra missionária em suas ilhas. Vide "Os Santos de Tonga: Um Legado de Fé", p. 36.

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1991

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

Abinádi e o Rei Noé

Zeniff era rei de um grupo de nefitas. Quando ficou velho, seu filho Noé tornou-se rei.
Mosiah 11:1

Noé não era um bom rei como seu pai. Era iníquo e não obedecia aos mandamentos de Deus.
Mosiah 11:2

Ele obrigou os nefitas a lhe darem parte de seu ouro e prata. Tinham também de entregar-lhe parte do grão que colhiam e alguns de seus animais.
Mosiah 11:3

ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON E GARY KAPP

O rei Noé era preguiçoso. Queria que os nefitas lhe dessem tudo de que necessitava para viver.
Mosiah 11:4

Ele substituiu os bons sacerdotes chamados por seu pai, Zeniff, por sacerdotes maus, que ensinavam o povo a pecar.
Mosiah 11:5-7

O rei Noé mandou construir muitos belos edifícios, inclusive um grande palácio com um trono. Os edifícios eram enfeitados com madeiras nobres e com ouro, prata e outros metais.
Mosiah 11:8-11

Ele gostava muito das riquezas que tirava do povo. Ele e seus sacerdotes passavam o tempo tomando vinho e fazendo coisas iníquas.
Mosiah 11:14-15

Deus enviou um profeta, chamado Abinádi, ao povo de Noé. Abinádi avisou-os de que se não se arrependessem, seriam entregues nas mãos de seus inimigos (como escravos).
Mosiah 11:20-25

Quando o rei Noé soube o que Abinádi disse, ficou muito zangado. Mandou homens prenderem Abinádi para poder matá-lo.
Mosiah 11:27-28

Abinádi foi levado à presença do rei. O rei Noé e seus sacerdotes fizeram-lhe muitas perguntas, procurando fazer com que dissesse algo errado.
Mosiah 12:17-19

Abinádi não teve medo de responder às perguntas. Sabia que Deus o ajudaria. Os sacerdotes se surpreenderam com as respostas de Abinádi.
Mosiah 12:19, 29

O rei Noé ficou zangado e ordenou aos sacerdotes que matassem Abinádi. Abinádi lhes disse que não tocassem nele, pois Deus os mataria.
Mosiah 13:1-3.

O Espírito Santo protegeu Abinádi, para que pudesse terminar de dizer o que o Senhor queria. O rosto de Abinádi brilhava. Os sacerdotes ficaram com medo de tocá-lo.
Mosiah 13:2-5

Abinádi falou com poder de Deus. Falou-lhes de sua iniqüidade e leu-lhes os mandamentos de Deus.
Mosiah 13:6-7, 11-24

Disse-lhes que Jesus Cristo haveria de nascer na terra, e faria com que o povo se arrependesse, para ser ressuscitado e viver com Deus.
Mosiah 13:33-35; 15:21-23

Abinádi disse que precisavam arrepender-se de seus pecados e acreditar em Jesus Cristo, do contrário não seriam salvos.
Mosiah 16:13

O rei Noé e todos seus sacerdotes, menos um, não quiseram acreditar em Abinádi. Noé mandou os sacerdotes matarem Abinádi. Eles o amarraram e lançaram na prisão.
Mosiah 17:1

Um dos sacerdotes de Noé acreditou em Abinádi. Seu nome era Alma. Alma pediu ao rei Noé que soltasse Abinádi.
Mosiah 17:2

O rei Noé ficou zangado com Alma e mandou expulsá-lo. Depois enviou seus servos para o matarem. Alma foi esconder-se correndo e os servos do rei não o encontraram.
Mosiah 17:3-4

Depois de três dias, o rei Noé mandou levar Abinádi à sua presença. Disse-lhe que negasse o que havia dito sobre Jesus, que ele nasceria e seria o Salvador.
Mosiah 17:5-7

O rei Noé disse a Abinádi que, se não negasse tudo o que havia falado, seria morto.
Mosiah 17:8

Abinádi sabia que estava falando a verdade acerca de Jesus. Estava disposto a morrer para não negar seu testemunho de Jesus.
Mosiah 17:9-10

O rei Noé ordenou aos sacerdotes que matassem Abinádi. Eles o amarraram, flagelaram e queimaram até a morte. Antes de morrer, Abinádi disse que o rei Noé também morreria pelo fogo.
Mosiah 17:11-20

Parte dos nefitas se opôs ao rei. As forças lamanitas também foram combater o rei Noé e seus seguidores.
Mosiah 19:2-8

Noé e seu povo fugiram. Quando foram alcançados pelos lamanitas e estes começaram a matá-los, Noé mandou que os homens fugissem, deixando mulheres e crianças para trás.
Mosiah 19:9-11

Muitos dos homens não quiseram abandonar as mulheres e filhos, e foram capturados pelos lamanitas.
Mosiah 19:12-15

Alguns homens que fugiram com o rei Noé sentiram ter abandonado as mulheres e filhos. Queriam voltar e ajudar seus familiares.
Mosiah 19:18-19

O rei Noé não queria que os homens voltassem. Mandou que ficassem com ele.
Mosiah 19:20

Os homens do rei Noé ficaram zangados com ele e queimaram-no até a morte. Depois voltaram para junto de suas famílias. As palavras de Abinádi se cumpriram.
Mosiah 19:20-24

CAPITAIS À MARGEM DE RIOS

Juliana Lewis

A primeira coluna cita as capitais de diversos países. A segunda diz os rios em cujas margens se situam. "Case" cada cidade com seu rio, depois cite o nome do respectivo país.

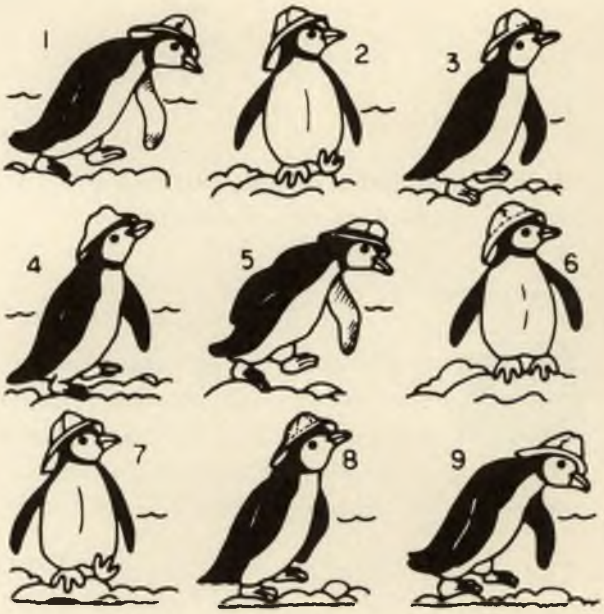
1. Paris	a. Han
2. Londres	b. Tibre
3. Ottawa	c. Nilo
4. Seul	d. Sena
5. Washington D.C.	e. Tâmisa
6. Cairo	f. Danúbio
7. Roma	g. Ottawa
8. Viena	h. Potomac

Respostas: (1) d-França, (2) e-Inglaterra, (3) g-Canadá, (4) a-Coréia do Sul, (5) h-Estados Unidos, (6) c-Egito, (7) b-Itália, (8) f-Áustria.

TODOS ELES PESCADORES

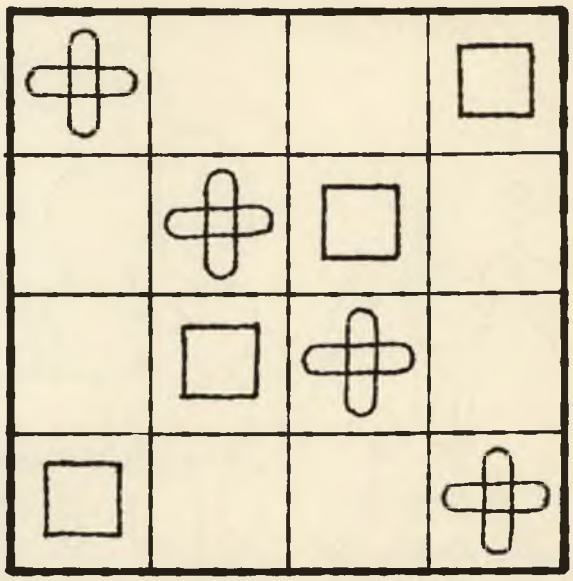
Roberta L. Fairall

Estes pingüins vão pescar seu almoço. Encontre os dois exatamente iguais.



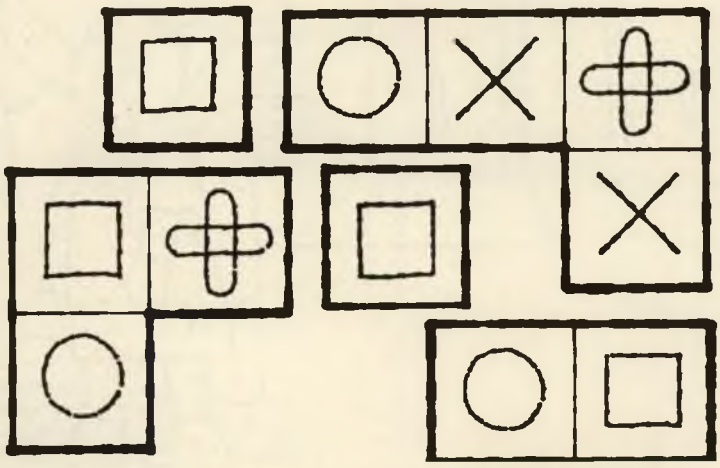
QUEBRA-CABEÇAS LÓGICO

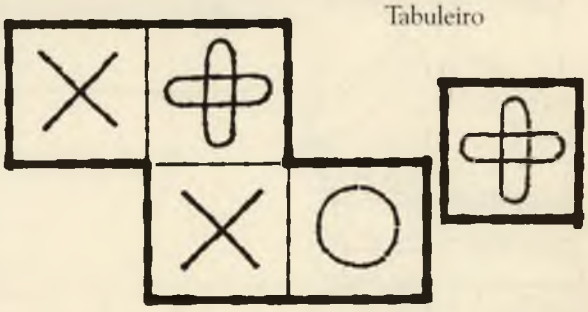
Cole esta parte da página sobre cartolina, depois recorte o tabuleiro e as peças. (Corte só ao longo das linhas grossas.) O objetivo da brincadeira é colocar as peças no tabuleiro de tal maneira, que nenhum símbolo se repita horizontal ou verticalmente. Para ajudá-lo, os símbolos do tabuleiro estão no lugar em que devem ir os símbolos das peças.



Tabuleiro

Peças do Jogo





Oração Sincera

"Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis." (Marcos 11:24.)

Laurel Rohlfing

O que acharíamos se, sempre que encontrássemos um bom amigo, ele nos dissesse a mesma coisa? Gostaríamos de conversar com ele? Não ficaríamos imaginando por que ele não teria outra coisa para dizer? Não ficaríamos pensando se realmente era nosso amigo?

O Pai Celestial é nosso amigo. Quando oramos, lembremo-nos de que estamos falando diretamente com ele. E ele nos escuta tão atentamente como se estivéssemos no mesmo quarto. Ele quer que oremos com atenção e sinceridade, dizendo as coisas importantes que estamos pensando e sentindo. Se usarmos sempre as mesmas palavras e frases, toda vez que orarmos, poderemos não estar pensando no que dizemos e a oração parecerá insincera.

ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

Quando Alma cumpriu missão entre os zoramitas, ficou abismado ao ver que a oração deles era insincera. O povo havia construído um lugar alto, onde cabia uma só pessoa, no meio da sinagoga. Eles o chamavam de Rameumptom ou púlpito sagrado. As pessoas se revesavam nesse púlpito, recitando uma oração presunçosa. Quando uma pessoa terminava, a próxima subia ao púlpito e proferia exatamente a mesma oração, até que todos terminavam. Depois voltavam para casa e não falavam mais de Deus até a semana seguinte. Alma sabia que essa gente não pensava realmente no que estava dizendo ao Pai Celestial. Oravam apenas para serem ouvidos pelos outros. Sentiu pena deles, porque suas orações não os ajudavam a tornar-se pessoas melhores. Alma tentou fazer com que compreendessem o que o Pai Celestial esperava deles. (Vide Alma 31:12-23.)

Quando oramos sincera e reverentemente, o Pai Celestial responde às nossas orações. Nossa fé se fortalece e cresce nosso testemunho.

Instruções

Estas figuras o ajudarão a contar a história de Alma, dos zoramitas e do Rameumptom. Pinte as figuras, cole-as sobre cartolina e recorte-as. Quando contar a história a seus familiares e amigos, lembre-se de que o Pai Celestial quer que oremos sinceramente.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Divida as crianças em grupos e peça que falem sobre o que torna uma oração sincera. Elas poderão falar sobre frases que são muito repetidas. Cite coisas apropriadas ou desenhe figuras de coisas pelas quais podem orar. (Vide Alma 34:18-27.)

2. Conte histórias das escrituras sobre pessoas que oraram sinceramente, e como suas preces foram atendidas, como Enos, Daniel, Ana, Néfi, Joseph Smith etc.

3. Discuta os passos da oração e como nos devemos dirigir ao Pai Celestial para demonstrar-lhe nossa reverência. □

A FAMÍLIA

Kimberley A. Little

A irmã Campos estacionou o carro na entrada, deixando o motor funcionando. Maria apresssou-se em calçar os sapatos de domingo e correu para a porta da frente.

Então parou de repente. Suas escrituras não estavam na mesinha perto da porta. "Onde estão minhas escrituras?" perguntou à mãe, que estava sentada na sala.

"Não sei. Sinto muito, querida."

"Elas estavam bem aqui", insistiu Maria. "Alguém deve ter tirado."

"Acho que terá de procurá-las mais tarde."

Maria abriu a porta e correu para o carro que a esperava, reclamando baixinho: "Provavelmente foi o José que apanhou minhas escrituras."

O pequeno José, de três anos, gostava de mexer nas coisas da irmã. Seus cadernos, livros de escola e equipamento de beisebol estavam sempre desaparecendo. Mais tarde geralmente os encontrava nos lugares mais improváveis. Certa vez, suas joelheiras foram parar no refrigerador. José as pusera na gaveta dos legumes. Às vezes era engraçado.

Hoje não. Nunca aos domingos. Apesar de sua professora de Valorosos A apanhá-la todas as semanas para as reuniões, Maria se sentia como se estivesse só. Ela era a

T E R R E N A

única criança da ala cuja família não ia a igreja com ela.

Nos sábados à noite ela acertava o despertador para as sete da manhã. Assim que tocava, ela saía da cama, tomava banho quietinha e preparava seu desjejum. Todos ainda estavam dormindo, embora vez por outra José aparecesse na cozinha, ainda de pijama, e comesse uma tigela de cereal com ela.

Na hora de sair, os pais costumavam estar na sala de estar lendo o jornal, com suas folhas espalhadas pelo sofá. Mais tarde iam jogar tênis. Maria conseguia vê-los mentalmente, atirando a bola de lá para cá por sobre a rede, rindo e divertindo-se na fresca manhã de outono. José ficava correndo atrás das bolas perdidas, muito contente.

Seus pais não a impediam de ir às reuniões, mas também nunca iam com ela. Quase sempre Maria procurava não se importar com isso, mas às vezes doía.

A mãe e o pai apareceram na capela só uma vez — por ocasião do seu batismo. Maria teimara em ser batizada e ficara profundamente desapontada ao ver que não era o pai quem a batizaria. E depois, seus pais sairam sem conversar com as outras pessoas da ala, que assistiram ao batismo.

A irmã Campos sempre recomendava a Maria que desse mais tempo aos pais para se integrarem com os membros da ala. Um dia eles recuperariam seu testemunho da veracidade do evangelho e voltariam para a igreja.

Certo domingo, a irmã Campos dera uma aula sobre o bispo e a família da ala. O bispo era como que o pai da ala, dissera. Estava ali para ajudar os membros da ala — e aconselhá-los, exatamente como faz o pai. Os membros eram como irmãos e irmãs e poderiam ser uma grande família feliz.

Pensar nisso ajudara durante algum tempo, mas quando olhava ao redor e via todas as famílias sentadas juntas, Maria voltava a ficar triste. Simplesmente não era

o mesmo ficar sentada com a família da irmã Campos, na reunião sacramental.

Hoje, no final da Primária, a presidente, irmã Morais, distribuiu as designações para a apresentação da Primária na reunião sacramental. Deu um papel dobrado a Maria e sorriu para ela. O papel dizia: "Seu tema é: 'Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial.' Dê duas ou três razões pelas quais sua família é especial para você."

Maria leu o bilhete duas vezes, a caminho de casa. Ela se sentia como se tivesse levado um soco no estômago. *Por que a irmã Morais me daria um discurso sobre a família? Não posso cumprir esta designação. Ela não sabe como me sinto? Minha família é completamente inativa. Ela nem gosta da igreja! Não é justo!*

Chegando em casa, Maria murmurou um "até logo" para a irmã Campos, bateu a porta do carro e entrou correndo. A casa inteira tremeu, quando ela bateu a porta da frente.

"O que aconteceu, querida?" indagou a mãe. Usando ainda as roupas de tênis, estava guardando as raquetas e bolas no armário.

"Nada." Maria encaminhou-se para seu quarto, mas depois parou, olhando para a mãe. "Tenho uma parte na apresentação da Primária na reunião sacramental. Vou ter que falar do púlpito, como o bispo."

"Que bom."

"É daqui a três semanas. A senhora, meu pai e José irão ouvir-me falar?"

"Não sei", respondeu a mãe. "Veremos", acrescentou sorrindo e foi para a cozinha preparar o almoço.

Foi o que a mãe dissera no ano anterior, quando Maria participara do programa do Livro de Mórmon, mas ninguém apareceu.

Maria esteve a ponto de amassar o bilhete e jogá-lo no lixo. Lembrou-se do ano passado, quando contara como Néfi construiu o barco. Néfi acreditou que o Senhor o ajudaria e orou pedindo orientação para construir o navio, para que ele e a família cruzassem o oceano. Bem, era o que ela devia fazer. Assim como Néfi, ela oraria por ajuda e o Senhor a atenderia.

Subitamente Maria sentiu-se bem e em paz e soube que o Santo Espírito estava com ela, exatamente como lhe fora prometido.

Durante as três semanas seguintes, enquanto preparava e ensaiava o discurso, Maria começou a notar as muitas coisas que os pais faziam por ela e o quanto ela era amada.

A mãe preparava-lhe os pratos favoritos, ajudava nos projetos de ciência e nunca deixava de abraçá-la, quando chegava em casa da escola. O pai jogava bola com ela e, na hora de dormir, contava-lhe histórias maravilhosas. Era sempre uma horinha gostosa, só dos dois. Mesmo que o José às vezes fosse uma peste, ela estava feliz por tê-lo como irmão. Os dois cantavam músicas engraçadas e riam juntos, liam livros e brincavam no parque.

Ao chegar o dia do programa, a irmã Campos foi buscá-la e ela sentou-se em seu lugar designado perto do púlpito.

Quando as crianças da Primária cantaram "Sou um Filho de Deus" e "no Céu eu Vivi", Maria sentiu-se integrada na família da ala e lembrou-se de quanto era amada pelo Pai Celestial. Tinha três famílias maravilhosas: uma família celestial, a família da ala e uma família terrena!

Quando chegou a vez de Maria ocupar o microfone, a irmã Campos deu-lhe um sorriso encorajador. E quando ela começou a falar dizendo: "Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial", Maria sentiu-se contente por a irmã Morais lhe ter dado esse tema. Já não estava magoada ou triste por ter de ir às reuniões sozinha. Ainda que não a acompanhasse à Igreja, ela realmente tinha uma família terrena especial.

Nisso abriu-se a porta dos fundos da capela. O

coração de Maria disparou, quando viu os pais e José entrarem quietinhos na capela e procurarem um lugar para sentar. Sorriram-lhe e ela não pôde evitar de corresponder com um sorriso rasgado. Ela começou de novo seu discurso: "Por me amarem, o Pai Celestial e Jesus me deram uma família terrena especial." E ela sabia que era verdade. □

We found
our
hidden
treasure

JOSHUA DENNIS

UM TESOURO DE FÉ

Shannon W. Ostler

***Esquerda*: Joshua segura uma das muitas fitas amarelas que os amigos haviam amarrado em caixas de correio e cercas, durante a busca. As fitas simbolizavam a esperança de seu breve regresso.**
***Acima*: Joshua com um dos cães que ajudaram na busca.**

Era a vez de Joshua, de dez anos, dar aula na noite familiar. Era sobre a fé. Quando terminou, ele disse aos familiares: "Se tiverem fé, podem fazer qualquer coisa."

A mãe replicou: "Bem, quase qualquer coisa."

"Não, mãe", disse Joshua, "qualquer coisa *mesmo*."

Mal sabia a família Dennis que em poucos dias sua fé seria posta à prova. Na sexta-feira, 22 de setembro de 1989, Joshua foi com o pai e outros líderes e membros de uma tropa de escoteiros de Kearns, Utah, explorar uma mina abandonada. Depois de olharem o interior da mina por algum tempo, Joshua e alguns dos escoteiros decidiram voltar. Encontraram o pai de Joshua e outros escoteiros saindo da mina, e Joshua entregou sua lanterna de pilha ao pai, que estava deixando o túnel, acompanhando um rapaz deficiente visual.

Então Joshua resolveu entrar novamente, seguindo alguns rapazes mais velhos, mas eles não sabiam que Joshua estava atrás, e começaram a correr. Joshua não pôde acompanhá-los e logo ficou para trás, em total escuridão. Não conseguia nem enxergar a mão diante do rosto.

Ele virou-se e tentou encontrar, tateando o caminho de volta para a entrada, mas tomou um atalho errado e caiu por uma rampa. Ele subiu de novo, mas foi longe demais, e acabou numa cavidade de onde haviam extraído todo minério, e que tinha dois metros de largura por sete de profundidade. A cavidade era praticamente invisível lá de baixo, do túnel principal, por causa das rochas.

"Por muito tempo tentei encontrar a saída", lembra Joshua. Ele gritou, mas seus gritos foram abafados pela cavidade, e ninguém o ouviu. A essa altura ele já estava cansado, com frio e os pés molhados. "Sabia que estava perdido e dei-me conta de que o melhor era ficar sentado e esperar."

Joshua dormiu muito. De vez em quando ele se levantava e espreguiçava, ou ficava sentado, pensando. Joshua ficou cinco dias sem comida nem água, e tinha só seu agasalho para aquecê-lo numa temperatura de 10º C.

Ele não teve medo. "Orei bastante por ajuda do Pai Celestial", diz, e suas orações foram respondidas com a

sensação de conforto e fé. Sabia que seria encontrado. "Sentia que o Pai Celestial estava velando por mim."

Enquanto Joshua orava, amigos e familiares também jejuavam e oravam por ele, para que fosse encontrado em segurança. Seus pais aguardavam aflitos os relatórios sobre a busca do filho.

Muitos voluntários ajudaram a vasculhar os sopés de montanhas da região, cheias de minas abandonadas e passagens de ar. Pelo menos sete vezes, alguns deles passaram a quarenta e cinco metros de Joshua.

Quanto mais se prolongava a busca, tanto maior certeza de muita gente de que Joshua não se encontrava na mina, mas se afastara dela. Cães treinados, helicópteros e pessoas a cavalo e a pé vasculharam as rochas e montes do Dry Canyon, que ficava não muito longe. Não havia sinal do menino.

Dentro da mina, Joshua esperava calmamente que alguém o encontrasse. Para ajudar a passar o tempo, ele cantava "Sou um Filho de Deus" e outras músicas que aprendera na Primária.

As possibilidades de encontrarem Joshua vivo iam diminuindo com o passar dos dias, mas os membros da equipe de resgate estavam decididos a não desistir.

Quando o grupo de busca saía da mina, após mais uma tentativa, na tarde do quinto dia, John Skinner, um membro da Igreja, persuadiu o chefe a deixá-lo entrar com alguns companheiros, para uma tentativa final. "Simplesmente tinha a sensação de que ele ainda estava dentro da mina e vivo."

John Skinner havia explorado a mina Hidden Treasure cento e vinte vezes, e estava muito familiarizado com dezenas de passagens que serpenteiam por seus oito níveis. Conseguia visualizar pelo menos três lugares em que Joshua poderia estar. Um deles era a cavidade de minério.

Enquanto os outros homens davam outra busca pela mina, ele, Ray Guymon e Gary Christensen se separaram do grupo, e John Skinner os conduziu aos lugares onde achava que o menino poderia estar. Quando chegaram à tal cavidade, ouviram um débil pedido de socorro, mas não tinham certeza de onde vinha. Ficaram quietos até ouvi-lo novamente. A excitação aumentou quando eles e Joshua continuaram gritando, procurando encontrar-se na escuridão.

"Meu coração simplesmente disparou", lembra Gary Christensen, o primeiro a chegar a Joshua. "Envolvi-o com meus braços e ele me envolveu com os seus." "Senti-me como se fôssemos guiados pelo Senhor", diz Ray Guymon.

Os três homens disseram que é muito difícil descrever o que sentiram ao encontrarem Joshua, a quem nunca haviam visto antes.

"Senti como se fosse meu filho", disse Gary Christensen. "Fiquei realmente feliz."

"Foi um sentimento muito forte, quando o encontramos", diz John Skinner.

Quando tiraram Joshua da mina, houve lágrimas de alegria e alívio no rosto de muitos. Joshua, apesar de excitado, permaneceu calmo — não duvidara de que seria encontrado.

Por não haver claridade dentro da mina, Joshua perdera a noção do tempo. Ficou surpreso quando soube que estivera perdido por tantos dias. Desidratado por ter ficado tanto tempo sem água, e sofrendo de um leve congelamento nos pés, foi levado de helicóptero para o hospital, onde descansou e foi examinado pelos médicos.

A princípio os médicos acharam que teriam de amputar o artelho menor, mas tudo que perdeu foi a pele dos pés. Teve que andar de cadeira de rodas por uma semana. A fisioterapia fortaleceu-lhe os músculos da perna e do pé, e não demorou muito ele estava andando, correndo e até andando de skate.

Joshua recebeu mais de mil cartas, muitas de outros escolares que queriam saber mais sobre ele e sua experiência. Enquanto esteve perdido, os alunos da Escola Primária Fox Hills, onde ele estuda, amarraram fitas amarelas na cerca, em volta da escola, para mostrar que pensavam nele e esperavam seu breve regresso. Realmente Joshua se animou ao saber que tantas pessoas se importavam com ele. Ele diz a todos: "O Pai Celestial responde mesmo às nossas orações. Tenham fé e não desistam." □

NOTÍCIAS LOCAIS A LIAHONA

AGOSTO DE 1991 91988 059

Mensagem da Presidência de Área

"Que Classe de Homens Devereis Ser"

(3 Néfi 27:27.)

O acontecimento de maior transcendência registrado no Livro de Mórmon é, sem dúvida, o ministério pessoal do Senhor Jesus Cristo, exercido entre os antigos habitantes do continente americano, como narrado em sua introdução.

Transcorria o ano 34 desta era, quando, logo após a sua ressurreição, a voz do Senhor proclamou a extensão e a causa da catástrofe que se abatia sobre o povo, declarou ter se cumprido a lei de Moisés e decretou que a oferta de um coração quebrantado e um espírito contrito seria o único sacrifício aceitável a partir de então.

Ele "expôs as doutrinas do evangelho, delineou o plano de salvação e explicou aos homens o que deveriam fazer para ganhar paz nesta vida e salvação eterna no mundo vindouro". O capítulo 27 do Terceiro Livro de Néfi é muito rico em instrução aos discípulos. Após nomear sua Igreja e indicar que os homens seriam julgados pelo que estivesse escrito nos livros, o Senhor declarou o seu evangelho e determinou que os discípulos deveriam saber o que fazer em sua Igreja, pois as obras que o viram fazer, essas mesmas fariam, porque fariam aquilo que o viram fazer. E que se desse modo agissem, bem-aventurados seriam, pois haveriam de ser levantados no último dia.

No versículo 27 deste capítulo, após qualificar os discípulos como juízes daquele povo, de conformidade com os justos julgamentos que lhes daria, o Senhor os interrogou: **"... que classe de homens devereis ser?"**

É possível imaginar-se a perplexidade dos discípulos ante tão dramática circunstância. Frente a frente ao Salvador. Em pessoa. Não uma visão ou sonho. Mas diante de sua pessoa física. Tangível e gloriosa. É fácil, então, admitir-se temor, hesitação, etc. Antecipando-se a todos, o Senhor, ele próprio, enfaticamente disse: **"Em verdade vos digo que devereis ser como Eu Sou."**

Quanto privilégio, honra, responsabilidade!

Que grande desafio, ser como o Senhor é!

Quanta oportunidade de crescimento e aperfeiçoamento experimentará o discípulo que, obedientemente, fizer diligentes esforços para tornar-se como o Salvador é, ainda que à primeira vista isto lhe pareça impossível!

Que Classe de Homem É o Salvador?

Qualificou-se para servir. Aceitou, voluntária e conscientemente, a mais dura de toda e qualquer outra designação que se possa imaginar.

Preparou-se física, emocional e espiritualmente para a Missão. Meditava, ponderava e orava continuamente ao Pai.

Sofreu tribulações. Aflições. Dores. Tudo a um nível insuportável e, até mesmo, incompreensível para o comum dos mortais. Esteve em perigo entre falsos irmãos. Entre ladrões. Foi acusado com toda sorte de falsidade. Os inimigos caíram sobre ele. E o arrancaram do convívio dos seus pais terrenos, irmãos e irmãs. Foi arrastado à prisão. Os inimigos o rodearam como os lobos procurando o sangue do cordeiro. Foi lançado nas mãos de assassinos e recebeu uma sentença de morte (D&C 122). Arrastaram-no a um monte. Blasfemaram e escarneceram dele. Repartiram entre si suas vestes e sobre sua túnica lançaram sortes. Deram-lhe a beber vinho misturado com fel. Vinagre. Colocaram-no em uma cruz. Grossos cravos traspassaram-no. Pés e mãos. Ergueram a cruz. E, entre salteadores, abandonaram-no. Para morrer.

Nenhuma imprecação, maldição ou gesto de autodefesa. E tinha todo poder. Bastaria uma única palavra. E todos os seus algozes seriam inexoravelmente fulminados.

Mas em vez disso, os que tinham ouvidos para ouvir, ouviram: **"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."** (Lucas 23:34.)

Quanta nobreza de caráter. Quanto desprendimento. Quanta noção (superior) de um dever ou missão ou mordomia a ser cumprido.

Ele era, e é, de fato, o Rei dos Reis. O maior de todos. Não obstante, foi humilde, manso, dócil, compassivo, misericordioso e submisso à vontade do Pai.

Jamais cuidou dos seus próprios interesses, mas subordinou-os aos superiores objetivos do seu divino chamado. Tinha perfeita consciência do poder que possuía, mas jamais o utilizou numa causa menos nobre.

Apascentou as ovelhas. A fraca fortaleceu. A doente curou. A quebrada ligou. A desgarrada tornou a trazer e a perdida buscou (Ezequiel 34:4).

Jamais exerceu injusto domínio. Ou usou de rigor ou dureza no trato com as pessoas. Foi firme, quando as circunstâncias recomendaram. Mas sempre demonstrou amor pelo repreendido. E de suas entranhas saíram (sempre) as mais puras e elevadas demonstrações de caridade que se possa imaginar.

Foi digno de confiança. Absolutamente leal e plenamente fiel. Até à morte.

Diante das provações e terríveis aflições que se aproximavam, suas palavras foram: **"Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres."** (Mateus 26:39.)

Nenhuma queixa, lamúria ou lamentação. Por isso, em razão de sua RETIDÃO, VIRTUDE, SANTIDADE e OBEDIÊNCIA aos mandamentos do Pai, entrou para a sua exaltação e glória. E encontra-se, agora, **"mesmo à direita de Deus"**. (D&C 76:22, 23.)

Que classe de pessoas o Senhor deseja que sejamos?

- Aquelas nas quais a Luz de Cristo Resplandeça Continuamente.
  (Mateus 5:14-16; D&C 50:23-24 e João 9:4.)
- Que tenhamos Espírito de Conciliação, Arrependimento e Perdão Constantes.
  (Mateus 5:23-26, 38-48; D&C 64:8-10; Colossenses 3:13; Efésios 4:31-32 e João 9:4.)
- Que sejamos Perseverantes na Oração.
  (Mateus 7:7-8; 26:41; Tiago 1:5; João 15:7; 3 Néfi 18:18-24; D&C 4:7; 65:4 e João 9:4.)
- Bons Ouvintes e Melhores (ainda) Praticantes da sua Palavra.
  (Mateus 7:21-27; Tiago 1:22-25 e João 9:4.)
- Diligentes na Promoção de seu Reino.
  (Mateus 12:30; 28:19; Marcos 16:15-16; Lucas 6:46-49; D&C 76:5; 82:14 e João 9:4.)
- Continuamente Preocupados com o Aperfeiçoamento Diário.
  (Mateus 5:48; 16:24-25 e João 9:4.)
- Capazes de Refrear a Língua. Falar com Sobriedade. Edificar. Fortalecer. Exercer Misericórdia.
  (Tiago 1:26; Mateus 12:36-37; Lucas 6:36-38; D&C 50:23; João 21:15-17; D&C 84:106; Tiago 1:27; D&C 64:33; Mateus 18:23-35 e João 9:4.)
- Capazes de Amar Incondicionalmente.
  (Mateus 22:37-40; Morôni 7:47; D&C 42:45; 112:11; 38:24-25; Jacó 2:17; João 13:34-35; Efésios 5:1-2; Colossenses 3:14; João 13:12-17 e João 9:4.)
- Submissos, Mansos, Humildes, Pacientes, Cheios de Amor.
  (Mosiah 3:19; D&C 19:23; 12:8; 88:17 e João 9:4.)
- Edificadores da Unidade da Fé.
  (João 13:12-16; D&C 38:27-28; Efésios 4:1-3; Filipenses 2:3; Mateus 23:11-12 e João 9:4.)
- Empenhados em Compartilhar as Verdades do Evangelho.
  (D&C 60:2; Salmos 32:3; Mosiah 15:14-17; D&C 88:81 e João 9:4.)
- Obedientes às Leis.
  (Regras de Fé nº 12; D&C 58:21-23; 68:25-28; 82:10; 64:34; 3 Néfi 24:10-12 e João 9:4.)
- Guardadores do Dia do Senhor.
  (Êxodo 20:10-11; 31:15-17; 35:2; D&C 59:9-16; 68:29 e João 9:4.)
- Dispostos a Observar por Sacrifício os Convênios Celebrados com o Senhor.
  (3 Néfi 9:20; D&C 97:8, 12; 124:39; Efésios 5:1-2 e João 9:4.)

Por muitas razões Jesus foi escolhido e aceito como o Salvador e Redentor da Humanidade.

Ele não é um homem comum. Pertence a uma estirpe ou **CLASSE** superior. Inexcedível nesta vida, deixou-nos, entretanto, a desafiadora promessa:

"NA VERDADE, NA VERDADE VOS DIGO QUE AQUELE QUE CRÊ EM MIM TAMBÉM FARÁ AS OBRAS QUE EU FAÇO, E AS FARÁ MAIORES DO QUE ESTAS; PORQUE EU VOU PARA MEU PAI. E TUDO QUANTO PEDIRDES EM MEU NOME EU O FAREI, PARA QUE O PAI SEJA GLORIFICADO NO FILHO. SE PEDIRDES ALGUMA COISA EM MEU NOME, EU O FAREI." (João 14:12-14.)

Em nome de Jesus Cristo, amém.

Élder Helvécio Martins
Segundo Conselheiro na Presidência de Área Brasileira

Chamadas Duas Novas Autoridades Gerais

Foi anunciado pela Primeira Presidência o chamado de dois novos membros para o Segundo Quorum dos Setenta. São eles, Stephen D. Nadauld, natural de Ogden, Utah e Han In Sang, de Seul, Coréia. Élder Han é o primeiro coreano servindo como Autoridade Geral.

Élder Nadauld, 49 anos de idade, foi vice-encarregado e executivo financeiro da Bonneville Pacific Corporation, uma operadora independente de importantes projetos de energia. Foi também presidente da Faculdade Estadual Weber, em Ogden, Utah, de 1985 a 1990, colaborando para transformar aquela instituição em universidade.

Nascido em 31 de maio de 1942, em Idaho Falls, Idaho, graduou-se em química pela Universidade Brigham Young. Fez pós- graduação na Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts. Após ter trabalhado como operador financeiro em bancos e dois anos como catedrático da Escola de Administração da Universidade de Utah, doutorou-se pela Universidade da Califórnia, em Berkeley. Depois passou sete anos como professor de administração, na Universidade Brigham Young.

Deixou a BYU em 1983, para presidir a Intermountain Milk Producers e, dois anos mais tarde, foi indicado presidente da Universidade Estadual Weber. Élder Nadauld serviu como diretor de várias organizações e foi sempre membro ativo no Escotismo e no Rotary Clube.

Na igreja foi representante regional, bispo, conselheiro na presidência da estaca, escoteiro chefe e presidente do quorum de élderes. Élder Nadauld e sua esposa, Margaret Dyreng Nadauld, são pais de sete filhos.

Élder Han, 51 anos, é natural de Seul, Coréia e nos últimos sete anos serviu como gerente do Centro de Distribuição e gerente regional para assuntos temporais nos escritórios administrativos da Igreja em Seul. Traduziu o Livro de Mórmon para o coreano quando era supervisor de tradução da Igreja na Coréia.

Nascido em 10 de dezembro de 1939, Élder Han formou-se no Colégio de Inchon, tendo também estudado na Universidade Hongik, em Seul. Foi presidente de ramo, de distrito, representante regional e presidente da Missão Coréia Pusan. Foi o primeiro presidente de missão e representante regional coreano. Até recentemente era professor da Escola Dominical e selador no templo.

Élder Han e sua esposa, Lee Kyn In, são pais de cinco filhos.

Reorganização de Presidências de Estacas e Distritos

Presidência do Distrito de Juiz de Fora

Presidência da Estaca Maceió

Várias presidências de estacas e distritos foram reorganizadas, e aqui registramos algumas dessas mudanças:

Distrito de Juiz de Fora, MG

José Carvalho Loureiro é o novo presidente do Distrito de Juiz de Fora e substitui o Presidente Paulo Roberto de Carvalho, chamado para ser conselheiro da Missão Belo Horizonte. Os novos conselheiros do distrito são: Francisco Carlos de Aguiar Carvalho e Zenilton Volino. Valdelide Landim de Carvalho é o secretário.

Estaca São Paulo Leste
(2 e 3 de março de 1991)

Tratando-se de uma estaca com 15 unidades e elevado número de membros, foram necessárias três sessões da Conferência para o apoio à nova presidência. Como presidente foi chamado o irmão Benedito Ferraz, 55 anos, técnico em contabilidade. Casado com Sara de Souza Ferraz, eles têm dois filhos. Como primeiro conselheiro foi chamado Gilmar Dias da Silva, 38 anos, contador, casado com Sandra Abib da Silva. O casal tem três filhos. Presidente da Silva era bispo da Ala Bela Vista. Vagner Gonçalves, 42 anos, advogado, foi chamado como segundo conselheiro. É casado com Vanda Lucia Scisci Gonçalves e têm um filho. Presidente Ferraz era bispo da Ala Vila Matilde, por ocasião de seu chamado.

Enviado por Maria Borges Cardoso
Diretora de Assuntos Públicos da Estaca

Estaca Maceió
(28 de abril)

José Eraldo de Andrade Silva é o novo presidente da Estaca Maceió e substitui o irmão José de Souza Marques. Presidente Eraldo , 31 anos, dentista, é casado com Sandra Maysa da Silva e o casal tem 4 filhos. Foi bispo, presidente de ramo e segundo conselheiro na presidência da estaca. O primeiro conselheiro, Antonio Casado de Farias Neto, 27 anos, representante de produtos químicos, é casado com Edla Maria Soares Baracho. Irmão Antonio foi presidente da missão da estaca, conselheiro no bispado, presidente do quorum de élderes, líder dos sumos sacerdotes e missionário em Portugal. André Luis de Almeida Silva, 24 anos, representante de vendas, é casado com Patrícia do Socorro Sampaio Gester, e eles têm um filho. Irmão André foi bispo, presidente do quorum de élderes, líder da obra missionária, presidente dos Rapazes da estaca e cumpriu missão em Curitiba.

Criado o Distrito de Campo Grande, Rio de Janeiro (17 de fevereiro)

Criado com a divisão da Estaca Rio de Janeiro Madureira, o Distrito de Campo Grande, que conta 956 membros, é composto pelos ramos Campo Grande e Cesário de Melo. Orlando Augusto Marques Pombeiro é o presidente do novo distrito. Bacharel em Ciências Contábeis, 37 anos, é casado com Janete Coelho da Silva, e eles têm 2 filhos. Irmão Pombeiro foi bispo, secretário executivo, missionário de tempo integral. O primeiro conselheiro é o irmão Silvestre Prado de Souza Neto, 39 anos, oficial do exército, casado com Vera Lúcia de Melo. O casal tem 2 filhos. Ele já foi presidente de missão da estaca, sumo conselheiro, bispo e presidente de ramo. Jackson Alves dos Santos, 33 anos, engenheiro eletricista, é o segundo conselheiro do distrito. É casado com Luzinete Farias Costa. Foi sumo conselheiro, presidente dos Rapazes, secretário executivo, secretário de ramo e missionário de tempo integral.

Estaca Rio de Janeiro Madureira
(17 de fevereiro)

Com a criação do Distrito de Campo Grande, foi reorganizada a presidência da Estaca Rio de Janeiro Madureira, que fica assim constituída: Fernando José da Rocha Camargo, presidente, Claudio da Silva Carvalho, primeiro conselheiro, e Alexandre dos Santos Barbosa, segundo conselheiro.

Presidência da Estaca São Paulo Leste e familiares

Presidência do Distrito de Campo Grande

Organizada Missão na Bulgária

Foi organizada a Missão Bulgária Sofia e chamado o irmão Kiril P. Kiriakov, como presidente, anunciou a Primeira Presidência.

Esta será a 37ª missão na Europa e a segunda criada no leste europeu este ano, completando 268 missões em todo o mundo.

Presidente Kiriakov, 68 anos, natural de Preslav, dentista aposentado, residente em Fairfax, Virginia, EUA, e converteu-se à igreja em 1966. Serviu na marinha búlgara e na Igreja como missionário de estaca, secretário de ala e ramo, estaca e secretário financeiro da ala.

A irmã Nevenka Leonid Ilieva Kiriakov, também natural da Bulgária, serviu em vários chamados na ala e estaca, traduziu para a Igreja e foi oficiante no templo. São pais de dois filhos.

Existem na Bulgária cerca de cinqüenta membros que fazem parte da Missão Viena Áustria Leste e contam com dois casais missionários e duas missionárias desde setembro de 1990. Em novembro do mesmo ano, chegaram mais dois élderes. Presentemente lá trabalham dez élderes, quatro missionárias e dois casais.

Novo Ramo em Livramento

Foi inaugurado no dia três de fevereiro do corrente ano, o Ramo do Prodo, pertencente à Estaca Alegrete, RS, beneficiando assim muitos membros que vivem nesse bairro e permitindo uma grande atividade missionária naquela área. Na foto, vemos da esquerda para a direita os irmãos: Joas Baz Orelhi, presidente dos Rapazes, Norberto Lopes Maciel, presidente do quorum de élderes, Alberico Izquierdo Trindade, presidente do ramo, e Euclides Gonçalves, líder da obra missionária; no fundo, alguns rapazes.

Enviado por
Victor Hugo Vargas
Diretor de Assuntos Públicos da Estaca

Missionários do Templo

Estes são os últimos missionários chamados para servir no Templo de São Paulo, de acordo com as novas instruções da Primeira Presidência:

Casal Giunta

O irmão Luiz Giunta, 70 anos, e sua esposa Genoveva, 64 anos, são membros do Ramo de Maringá I, Distrito de Maringá, Missão Curitiba, PR. Batizados em 1962, trabalharam em diversas organizações. Ele é organista, foi secretário, conselheiro e presidente do ramo de Maringá. Ela foi professora, secretária, conselheira e presidente da Sociedade de Socorro.O casal foi selado no Templo de São Paulo em 8 de setembro de 1979, e tem 4 filhos e 7 netos.

Enaura Netto dos Santos

Irmã Santos, 58 anos, viúva, é do Ramo Tapoã, Vila Velha, ES. Foi batizada em 30 junho de 1985 e entre os vários cargos na Igreja foi líder de berçário, conselheira das Moças da Estaca e presidente da Sociedade de Socorro do ramo. Tem duas filhas, genro e três netos.

Aparecida Pereira Lima Costa

Irmã Costa, 57 anos, viúva, é da Ala Vila Virgínia, Estaca Ribeirão Preto, SP, tem cinco filhos e 14 netos. Foi batizada em 14 de maio de 1988 por seu filho Antonio Carlos. Foi professora visitante, líder de professoras visitantes e conselheira da Sociedade de Socorro.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de **A Liahona** e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 05599
São Paulo - S.P.

O Sucesso Tem Seu Preço

"O segredo do sucesso está no estabelecimento de metas elevadas, muito trabalho e determinação, amparados nos braços do Senhor", diz Ana Lúcia Crispim. Seus vinte e oito anos de vida estão cheios de vitórias e conquistas, culminando com o prêmio "Service Excellence Award", que recebeu do City Bank de

Nova York,onde trabalha. Aos 16 anos participou do programa de intercâmbio cultural Brasil-Estados Unidos e, nessa oportunidade, ganhou uma bolsa de estudos. Em 1981 iniciou na PUC de Campinas o curso de Ciência de Computação e sempre foi um exemplo para suas colegas de pensionato. Durante o curso fez vários estágios, um deles no City Bank, onde venceu um concurso de âmbito nacional. Em 1988 foi convidada pela direção do City Bank para gerenciar os sistemas de correio eletrônico da América Latina, Sudeste dos Estados Unidos e Caribe, passando a residir nos Estados Unidos. Ela é membro da Ala North Lauderdale, na Flórida, e é a organista da reunião sacramental de sua ala.

Enviado por
Marisa Silveira Cuellar
Diretora de Assuntos Públicos
Estaca São Paulo

Caravana ao Templo

O Distrito de Ipoméia, constituído pelos ramos Ipoméia, Videira, Caçador, Joaçaba e União da Vitória, participou da 1ª Caravana ao Templo, nos dias 21 a 23 de fevereiro. Na oportunidade, muitos irmãos receberam ordenanças próprias. Todos os participantes tiveram momentos de grande júbilo e retornaram fortalecidos.

Enviado por élder F. Maia
Presidente do Distrito

Ramo de Tupã nos Anos 60

Com o objetivo de integrar os jovens dos Ramos de Aliança e Ipanema, Distrito de Tupã, realizou-se em Tupã um animado baile dos Anos 60 no dia 27 de abril de 1991. Jovens de Presidente Prudente e alguns visitantes também participaram dessa atividade, que atingiu plenamente o seu propósito.

Prefeito de Maranguape Recebe o Livro de Mórmon

Maranguape, CE, chamada de oásis do nordeste, é mais uma cidade brasileira cujo prefeito recebeu um exemplar do Livro de Mórmon de missionários locais.

Élderes Elnour e Meyers, da Missão Fortaleza, e o irmão Josué Pinho, do quorum de élderes do Ramo Maranguape, visitaram o sr. Raimundo Gomes Matos, prefeito, e o sr. Sebastião Oliveira e Silva, Presidente da Câmara de Vereadores, no dia 27 de fevereiro passado. Eles receberam também uma assinatura de A Liahona e aceitaram ouvir palestras missionárias.

A Promessa de Natal

Com início no dia 30 de novembro passado e durante vários dias do mês de dezembro, um grupo de missionários talentosos das missões São Paulo Norte e São Paulo Sul apresentou um excelente programa musical missionário intitulado "A Promessa de Natal".

A peça musical de 70 minutos constava de várias músicas e hinos conhecidos. Enquanto cantavam, inúmeras fotos eram projetadas numa tela estrategicamente armada no palco.

O programa teve muito sucesso e foi apresentado em quatorze estacas de São Paulo, a saber: São Paulo, São Paulo Taboão, São Paulo Ipiranga, São Paulo Interlagos, São Paulo Perdizes, São Paulo Norte, São Paulo Leste, Santo Amaro, Santo André, São Bernardo, Santos, São Vicente, São José dos Campos e Sorocaba.

A freqüência a todas essas apresentações foi de 8.380 pessoas. Foram obtidas 744 referências, que resultaram em 74 batismos. Certamente, muitas outras pessoas foram tocadas, e sementes plantadas nos corações dos que assistiram às apresentações.

Enviado por Demar Staniscia

O Evangelho no Acre

O evangelho tem sido divulgado de diversas maneiras em Rio Branco, capital do Acre: por meio de contatos, projetos de serviço, gincanas, etc. No dia 18 de março último, os élderes de Paula e Almeida deram uma entrevista sobre a Igreja na Rádio Acreana AM, e na ocasião presentearam o diretor, sr. José Silva, e o locutor Romeu Delelo com o Livro de Mórmon.

Enviado por élder de Paula

Notícias da Estaca Vitória

Atividade Comunitária em Colatina

Sob a coordenação do presidente Pedro Jorge da Cruz Penha, no dia 10 de novembro passado, aproximadamente 106 membros da Estaca Vitória, ES, e 12 missionários de tempo integral realizaram uma atividade comunitária em Colatina, Espírito Santo. O grupo pintou a praça central da cidade, onde montou uma exposição de quadros da Igreja. O ponto culminante da atividade foi o batismo de 10 pessoas, que marcou, oficialmente, a abertura de Colatina à obra missionária.

Ordenado Novo Patriarca na Estaca

O irmão Elverson Barbosa Teixeira de Miranda, um dos pioneiros da Igreja no Espírito Santo, foi chamado como Patriarca na 8ª Conferência da Estaca Vitória, em 17 de fevereiro de 1991. O irmão Elverson foi diversas vezes presidente de ramo e também presidente do Distrito de Vitória.

É casado com Marli Fernandes de Miranda e tem dois filhos, ambos ex-missionários.

Enviado por
Windsor Calmon Fernandes
Diretor de Assuntos Públicos da Estaca

Atividade da Estaca São Paulo Norte

Coleta de Sangue para Hemofílicos

Solidariedade com os hemofílicos foi o sentimento que motivou os jovens Adultos Solteiros da Estaca São Paulo Norte a organizarem um notável projeto de serviço, no dia 20 de abril passado. Foi na capela de Santana, com a colaboração do Centro de Hematologia de São Paulo - programa DOA, que instalou uma unidade de coleta. Compareceram mais de cem pessoas para doar sangue.

Enviado por
Regina K. Rocha
Diretora de Assuntos Públicos da Estaca

Fronteiras se Alargam

A obra missionária nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul tem tido um crescimento notável. Verificou-se, nessa região, a formação oficial de uma média de 3 ramos por mês, durante o período de maio de 90 até o início de 91.

As seguintes unidades, em Minas Gerais, iniciaram suas atividades em 1990: Barbacena (9 de maio), Ouro Fino (5 de agosto), Patos de Minas (8 de dezembro), Passos (9 de dezembro), Coronel Fabriciano (16 de dezembro), Bueno - novo ramo de Nanuque - e Monte Carlo. Já haviam sido feitos batismos nessas duas últimas cidades antes de os ramos terem sido abertos.

Em São Paulo, o Ramo de Bebedouro foi aberto em 5 de dezembro de 1990. As cidades de Corumbá, Miranda, Ladário, Nioaque, Anastácio e Três Lagoas, no estado de Mato Grosso do Sul, iniciaram suas atividades em fins de 1990 e início de 1991, e estão em pleno desenvolvimento.

Enviado por
élder Kevin Boyer
Historiador da Missão Belo Horizonte

Membros, amigos e missionários do ramo de Pato de Minas

Membros, amigos e missionários do ramo de Ouro Fino

Membros, amigos e missionários do ramo de Passos

Membros, amigos e missionários do ramo de Barbacena

Alguns membros da cidade de Monte Carmelo

Membros, amigos e missionários do ramo de Bebedouro

Projeto de Serviço no Ramo de Perus

O primeiro projeto de serviço do Ramo de Perus foi realizado no dia 30 de março de 1991 na Escola Municipal Parque Paulista, no município de Francisco Morato. Vinte membros, entre adultos, jovens e crianças se juntaram às famílias dos alunos e passaram o dia fazendo limpeza, reparos e pinturas naquele edifício. Uma reunião muito espiritual foi realizada ao término dos trabalhos numa das salas da escola. Ali se falou sobre o Livro de Mórmon, testemunhos foram ouvidos e um exemplar do livro foi entregue a cada um dos presentes. Os frutos desse trabalho já estão sendo colhidos.

Enviado por Olivio M. Philippelli
Presidente do Ramo

Projeto de Serviço da Ala Jundiaí

Numa reunião de planejamento dos Rapazes e das Moças ficou decidido realizarem um projeto de serviço comunitário. Havia chovido muito durante a semana, e muitos favelados haviam perdido tudo inclusive suas moradias, e se encontravam sob os cuidados da Prefeitura. No dia 20 de abril os jovens já haviam preparado e coletado entre os membros 120 sacolas de alimentos, que foram distribuídas aos favelados, que agradeceram esse gesto de solidariedade. Vinte sacolas que sobraram foram distribuídas às famílias carentes da ala. Foi uma experiência significativa para todos aqueles jovens que estavam felizes por seguirem a admoestação do Senhor quando disse: "Quando fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40.)

Mutirão Missionário em Manaus

A Ala de Colônia Oliveira Machado, da Estaca Manaus, encontrou uma maneira excelente de apoiar a obra missionária.

Foi formado um mutirão de 13 duplas e 28 pessoas para contatar pessoas vizinhas da capela e buscar referências para os missionários.

Os frutos do trabalho surgiram: 232 contatos, 117 referências e fortalecimento espiritual para todos que dele participaram.

Enviado por
Xênia Maria V. da Silva

Sumos Sacerdotes se Reúnem em Atividade Social

No dia 8 de março, a capela de Jacarepaguá, RJ, recebeu os sumos sacerdotes da Estaca Rio de Janeiro Madureira e seus familiares, em uma excelente atividade. O programa constou de parte espiritual, palestra dada por um economista convidado - Dr. Gilberto Ramos - apresentação artística pela Escola de Dança Alice Arja e um bufê.

O presidente da Missão Rio de Janeiro Brasil, Orville Wayne Day e sua esposa, Beverly, estiveram presentes e prestaram testemunho.

Enviado por
Carlos Alberto da Cruz Wenceslau
Dir. de Assuntos Públicos da Estaca

Sociedade de Socorro

Na impossibilidade de publicar todas as notícias recebidas, registramos aqui algumas das atividades realizadas pela Sociedade de Socorro de várias unidades do Brasil:

- Aniversário da organização e Convenção das Professoras Visitantes no Distrito de Ipoméia, SC.
- Jantar "Obrigada Marido", Ala Rio Claro II, Estaca Rio Claro, SP.
- Congresso de Professoras Visitantes da Estaca São Paulo Norte.
- Aniversário da Sociedade de Socorro, Ramo Cidade Nova, Estaca Manaus.
- Aniversário da Sociedade de Socorro, na Ala Campo Limpo, Estaca Santo Amaro, SP.

Notícias enviadas por:
Semiramis Silva Braga
élder F. Maia
Maria Olinda A. Luiz
Regina K. R. Rocha
Maria Cristina M. Bentim

Congresso de Prof. Visitantes da Estaca SP Norte.

Jantar "Obrigada Marido" da Ala Rio Claro II

Presidência de Soc. de Socorro do Ramo Cidade Nova

Aniversário da Soc. de Socorro de Ala Campo Limpo

Projetos de Serviço

Anualmente, a juventude da Igreja de todo o Brasil realiza projetos de serviço nos dias de Carnaval, mostrando solidariedade e provando na prática que a caridade nunca falha. Visitando asilos, orfanatos, e onde quer que alguém necessite de apoio e encorajamento, lá estarão eles. Registramos aqui as notícias que recebemos de muitas unidades da Igreja:

Estaca Belo Horizonte

Os jovens da Estaca Belo Horizonte passaram os quatro dias de carnaval numa edificante conferência realizada no Colégio Arnaldo em Belo Horizonte. O programa constou de trabalhos em asilo, como cortar cabelos de idosos, plantar hortas e doar sangue ao Hominas, banco de sangue da cidade.

O Presidente Harold G. Hillam, da Presidência de Área, e sua esposa participaram do serão realizado na conferência, cujo ponto culminante foi a reunião de testemunho em volta de uma fogueira.

Enviado por
Fátima Antunes Rocha
Diretora de Assuntos Públicos

Estaca Belo Horizonte

Estaca Curitiba Iguaçú

Estaca Curitiba Iguaçu

A Estaca Curitiba Iguaçu reuniu 79 jovens, 22 líderes e 25 irmãs da Sociedade de Socorro, que realizaram um projeto de serviço na Instituição Pequeno Cotolengo, onde vivem cerca de 150 internos, na maioria mulheres, cuja idade varia de 1 a 60 anos de idade. Esta instituição se mantém com doações e abriga somente deficientes físicos e mentais. As equipes foram designadas para várias tarefas e limparam vidros e corredores, enceraram os quartos, trocaram as roupas das camas dos três pavilhões, apararam a grama dos jardins, lavaram roupas e

Estaca São Vicente

Estaca São José dos Campos

Estaca Brasília Alvorada

Estaca Santos

Estaca Brasília Alvorada

Estaca Santos

limparam o terreno. Os jovens também levaram muitos dos internos em cadeira de rodas para um passeio e alegraram a todos com o cântico de hinos e outras músicas.

Enviado por
Marcos Antonio Zandoná
Diretor de Assuntos Públicos da Estaca

Estaca São Vicente

Os dias de carnaval foram inesquecíveis para os jovens da Estaca São Vicente, que num projeto de serviço, no Asilo Lar Vicentino, alegraram inúmeros idosos com teatro e dublagem de músicas antigas.

Gincana, serão domingueiro e inspirada reunião de testemunho no final da programação fizeram com que os participantes desfrutassem um edificante espírito.

Enviado por
Rogério Francisco de Farias
Diretor de Assuntos Públicos

Estaca Brasília Alvorada

Com a manchete "Mórmons Trocam a Folia pela Ajuda à Comunidade", o jornal Correio Brasiliense de Brasília, em 14 de fevereiro deste ano, destacou o projeto de serviço feito por jovens da Estaca Brasília Alvorada.

Aproximadamente 70 jovens, rapazes e moças de 14 a 18 anos, foram ao Centro Interescolar de Educação Física, onde além de apararem a grama, limparam, pintaram e consertaram as dependências do Centro Esportivo. Além do trabalho prestado, realizaram reuniões espirituais no sábado e domingo e reunião familiar na segunda-feira.

Enviado por José Hélio de Oliveira
Diretor de Assuntos Públicos
Estaca Brasília Alvorada

Estaca São Paulo Norte

Estaca São José dos Campos

Os jovens das Alas Bosque dos Eucaliptos e Jardim Satélite, da Estaca de São José dos Campos, tiveram a oportunidade de demonstrar seu amor pelos mais necessitados, quando os bispados dessas alas se uniram num projeto de serviço a favor do Hospital São Francisco de Assis, em Jacareí.

Na segunda-feira do último carnaval, os jovens e seus líderes saíram às ruas para coletar doações para essa instituição, que atende à população carente da cidade. Conseguiram arrecadar mais de 100 quilos de alimentos, roupas, material de higiene e cerca de 20 quilos de ferro e papéis para serem vendidos e transformados em fundos para o hospital.

Enviado por
Expedito Saraiva
Diretor de Assuntos Públicos
Estaca São José dos Campos

Estaca Santos

O carnaval na Ala do Embaré, Estaca Santos, foi um tando diferente este ano. No sábado, dia 9, e na segunda-feira, dia 11, os membros participaram de um mutirão de trabalho em sua capela nova. Toda a grama da área externa da capela foi plantada, num trabalho árduo, mas realizado com muito amor e união.

Na terça-feira, dia 12, para relaxar, os rapazes e as moças e seus líderes, foram ao Vale do Quilombo, uma área tombada pelo Patrimônio Histórico. O dia, muito agradável e proveitoso, foi encerrado com uma palestra.

Enviado por
Stella Alcover Couto e Silva

Estaca São Paulo Norte

A Estaca São Paulo Norte realizou, no Embu, seu primeiro Acampamento de Carnaval do PAS, que foi notícia em alguns dos maiores jornais de São Paulo. Todos se divertiram muito.

Batismo

Joaquim Cruz, de 84 anos, foi batizado no dia 23 de março de 1991 na Ala de Cachoeira de Itapemirim, Espírito Santo. Com o apoio de sua sobrinha, Eugênia O. Afonso, pôde conhecer a Igreja e aceitar uma mudança nessa fase de sua vida. O irmão Cruz é assíduo nas reuniões, e seu exemplo dá um brilho especial à ala.

Enviado por
Maria de Fátima L. Duarte

Um Caminho de Amor

O Núcleo Assistencial Caminho para Jesus em Belo Horizonte, MG, recebeu em dezembro de 90 a visita dos membros da Ala Floresta e dos missionários de zona de Belo Liberdade.

Unidos por um projeto de serviço, cuidaram, na ocasião, da alimentação, higiene e outras atividades de mais de cem crianças deficientes, cuja ternura foi a grande retribuição recebida pelos dedicados irmãos.

Enviado por
Ana Claudia Silveira
Diretora de Assuntos Públicos
Ala Floresta

Estaca Manaus Promoveu Noite Cultural

A presidência da Estaca Manaus, por intermédio do Presidente Eduardo A. S. Contieri e do Comitê de Comunicações Públicas da Estaca, promoveu, no dia 30 de março do corrente ano, uma palestra sobre "As Inscrições Rupestres" no Amazonas. O conferencista e expert no assunto foi o Comendador Junot Carlos Frederico. Ele, que é historiador e já militou na política, atualmente é presidente do instituto Histórico Geográfico do Amazonas.

Este acontecimento especial, além de trazer aos membros e não-membros convidados um grande conhecimento, veio evidenciar que há muitos séculos atrás estiveram em nossa região amazônica, especificamente nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Presidente Figueiredo e outros, povos como os fenícios e cananeus, que deixaram sobre pedras seus escritos, contendo mensagens de fé e de uma crença religiosa.

Enviado por Iolanda O. Braga
Diretora Regional de Assuntos Públicos

Juventude e Ecologia

A juventude da Ala do Engenho de Dentro, Estaca Rio de Janeiro, preocupada com a preservação do ambiente, prestou um serviço digno de nota à comunidade local. No dia 7 de abril, um grupo de jovens dispostos subiu a Floresta da Tijuca, conhecida como a maior floresta urbana do mundo, e lá tiraram todo o lixo de um local chamado Praça da Igrejinha.

Durante o trabalho, foram observados por um grupo de pessoas a quem explicaram princípios da Igreja e a maneira de viver de seus membros.

Enviado por
Oswaldo de Bittencourt A. Filho
Diretor de Assuntos Públicos
Estaca Rio de Janeiro

Notas de Falecimento

Faleceu repentinamente no dia 28 de julho de 1990, o irmão Flávio Alves Junior, membro da Ala Tucuruvi, Estaca São Paulo Norte. Era cabo da Polícia Militar, e casado com Maria Solange de Souza.

Enviado por
Laureni Focheto

No dia 27 de julho de 1990 faleceu em Curitiba, onde residia, o irmão Zinder Nascimento Lins. Batizado em 1958, deixa esposa, Matilde Lins.

Enviado por
Matilde Lins

A pequena Camila Lazarini faleceu em 18 de fevereiro último. Era a segunda filha do casal Edson e Solange Lazarini e pertencia à Ala São Carlos II, Estaca Araraquara. Desde seu nascimento, em 15 de julho de 1988, sofria de problemas cardíacos.

Enviado por
Edson Lazarini

Faleceu, enquanto dormia, no dia 19 de abril p.p., o irmão Manoel Maia, 53 anos, membro da Ala Diadema II, Estaca São Paulo Oeste. Era natural de Fortaleza, onde foi batizado em abril de 86. Foi selado à família no Templo de São Paulo. Deixa esposa e 2 filhas.

Enviado por
Maria Edelnice da Silva

Leovegildo da Rosa Souza faleceu no dia 28 de abril p.p., vítima de hemorragia cerebral aos 43 anos. Era presidente do Ramo de Rosário do Sul, Estaca Alegrete, RS. Batizado em 1984, deixa esposa e três filhos.

Enviado por
Julio César Lemos
Diretor de Assuntos Públicos do Ramo

Faleceu no dia 22 de fevereiro último, o irmão Alfredo Lopes, um dos pioneiros da Igreja em São Carlos. Batizado em 1960, exerceu vários chamados na Igreja. Deixa esposa, 3 filhos, 16 netos, 13 bisnetos e um grande exemplo de fé e amor ao próximo. Pertencia à Ala São Carlos, Estaca Araraquara, SP.

Enviado por
Cinara Lilian Leão
Diretora de Assuntos Públicos da Estaca

Vítima de descarga elétrica, faleceu no dia 26 de março último o irmão Osvaldino Domingos, 39 anos, líder da obra missionária e conselheiro no bispado do Ramo da Palhoça, Estaca Petrópolis. Deixou esposa e sete filhos.

Enviado por
Mario Fernandes Dias
Diretor de Assuntos Públicos da Estaca.

No dia 1º de maio p.p., faleceu o irmão Sérgio Balint, 17 anos, jovem exemplar que se estava preparando para a missão. Batizado em julho de 88, pertencia à Ala de Vila Gomes, Estaca São Paulo. Da poupança que fazia para sua missão, seus familiares puderam comprar 311 Livros de Mórmon para distribuir entre amigos e parentes.

Enviado por
Marisa S. Cuellar
Diretora de Assuntos Públicos da Estaca

Faleceu em fins de 1990 a irmã Eunice Guigon de Araújo, conhecida nos meios artísticos como Suzy Kirby. Conheceu a igreja em 1938 e foi batizada em 1943, sendo uma das primeiras pessoas a aceitar o batismo no Rio de Janeiro. Foi uma conceituada jornalista e atriz de sucesso. Brilhou nos áureos tempos da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e participou de algumas novelas da Rede Globo, como "Ossos do Barão". (Vide *A Liahona*, abril/maio 1985.)

Enviado por
élder Helvécio Martins

Vítimas de acidente automobilístico, faleceram no dia 6 de maio último a irmã Jeandete Costa Marinho Rodrigues, 27 anos, batizada em agosto de 1980, e sua filha de 2 anos, Caroline Costa Rodrigues. Pertenciam à Ala Valparaíso, Estaca Brasília.

Enviado por
José Hélio de Oliveira